



Isabel André

# Metodologias de Investigação em Geografia Humana

## Programa

Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa  
Estudos de Geografia Humana e Regional

47

Lisboa | 2005

Isabel André

**Metodologias de Investigação em Geografia Humana**

**Programa**

Edição: Dezembro 2005

Impressão: David Barreira

Tiragem: 200 Exemplares

ISBN 972-636-162-1

# ÍNDICE

---

I - INTRODUÇÃO .....	5
II - QUESTÕES METODOLÓGICAS NOS CURRÍCULOS DE GEOGRAFIA.....	7
III - OBJECTIVOS, ESTRATÉGIAS E ORIENTAÇÕES DA DISCIPLINA .....	11
IV - CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS.....	15
V - DESENVOLVIMENTO DOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS.....	19
A - PRINCÍPIOS ORIENTADORES DE UM PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO: A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO .....	19
A.1. Os alvos do conhecimento: a noção de realidade, sujeitos e objectos .....	19
A.2. Do senso comum ao conhecimento científico - natureza e cultura, indivíduo e sociedade, nós e os outros .....	21
A.3. Os principais paradigmas que enquadram o conhecimento científico .....	22
A.4. O método científico .....	24
A.5. Algumas questões sobre o papel da ciência na sociedade.....	25
B - A CONCEPÇÃO DE UM PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO - O PLANO .....	29
B.1. As etapas da investigação: dos preconceitos aos conceitos e das hipóteses às teses.....	29
B.2. Os objectos e as perspectivas de estudo. Focar o quê? Olhar como? .....	30
B.3. O modelo de análise: problemas, conceitos e hipóteses.....	40
C - A OPERACIONALIZAÇÃO DE UM PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO – DADOS, PROCEDIMENTOS E RESULTADOS .....	51
C.1. Estratégias de análise.....	51
C.2. Concretização do modelo de análise.....	56
C.3. Recolha dos dados .....	58
C.4. Tratamento dos dados .....	71
C.5. Resultados da investigação - o que dizem os dados? .....	76
VI - AVALIAÇÃO.....	79
VII - BIBLIOGRAFIA.....	81



# I - INTRODUÇÃO

---

As linhas que norteiam a definição de objectivos, estratégias e conteúdos para uma unidade curricular de Metodologias de Investigação em Geografia Humana derivam de quatro considerações sobre o ensino superior e a investigação neste campo do saber:

- Tem existido, em Portugal, um défice significativo nos campos do enquadramento teórico e conceptual e da explicitação dos procedimentos metodológicos, tanto ao nível do ensino como no âmbito da investigação<sup>1</sup>.
- As metodologias de investigação são frequentemente reduzidas à dimensão de técnicas instrumentais (recolha e tratamento de dados), o que significa assumir que os dados falam por si, ou seja, que contêm a sua própria explicação.
- A identidade da Geografia releva sobretudo dos objectos de estudo (espaços, regiões, territórios, lugares, paisagens, ...), sendo difícil, senão impossível, identificar referências identitárias ao nível das orientações teóricas e metodológicas.
- As dinâmicas que se vêm afirmando nos vários segmentos do mercado de trabalho em que os geógrafos se inserem apontam para um reforço da capacidade de organizar e desenvolver projectos de forma autónoma, o que se deve traduzir, em termos de formação, na aquisição de competências pessoais e científicas que permitam dar esse tipo de resposta.

A organização deste programa reflecte também necessariamente um conjunto de convicções pessoais sobre o modo como deve ser conduzido o ensino da Geografia na Universidade. Na opinião da autora, um curso de Geografia (graduação ou pós-graduação) deve ser um lugar onde se privilegia o gosto pelo saber e o prazer da descoberta através de processos de aprendizagem activos e criativos. Deve abarcar também um leque de questões/problemas que permita aos alunos configurarem a sua própria concepção da Geografia e definirem as linhas de pesquisa que considerarem

---

<sup>1</sup> Nas universidades europeias e norte americanas, a Geografia afirma-se também, com algumas excepções, pela sua dimensão instrumental, subalternizando com bastante frequência as questões teóricas e metodológicas.

mais interessantes, na óptica da promoção da autonomia, da inovação e da capacidade de decisão.

A experiência do Seminário (4º ano da licenciatura/variante Ensino da Geografia) que a autora tem leccionado desde 1994 e de unidades curriculares de âmbito metodológico pelas quais foi responsável em vários cursos de mestrado no Departamento de Geografia da FLUL é particularmente decisiva na organização deste programa. Esta prática pedagógica permitiu consolidar um conjunto de procedimentos que se consideram fundamentais para a concepção, organização e desenvolvimento de um projecto de investigação em Geografia Humana. O acompanhamento e a discussão dos projectos concretizados pelos alunos, incidentes especialmente na descodificação e interpretação de lugares (jardins, espaços comerciais, aeroportos, cemitérios, estádios desportivos, largos, ruas, bairros, aldeias, ...) desencadearam uma intensa reflexão pessoal sobre o significado dos bons e dos maus resultados obtidos, sobre a articulação entre conteúdos e estratégias pedagógicas, bem como sobre a importância das orientações teóricas e dos conhecimentos metodológicos no ensino superior da Geografia.

Antes de fechar a Introdução, passo o discurso à primeira pessoa do singular para deixar aqui um conjunto de agradecimentos: ao Fernando João Moreira, porque foi com ele que organizei e desenvolvi o primeiro programa sobre teoria e metodologia da Geografia para o Seminário de Investigação em Geografia (1994/95), mas principalmente pela forma imaginativa como me tem ensinado a pensar a Geografia nas frequentes discussões que mantemos há muitos anos; ao João Ferrão, porque, apesar de todas as leituras, é com ele que tenho aprendido mais sobre Geografia; ao Jorge Malheiros, ao Herculano Cachinho, ao Mário Vale e ao Sérgio Claudino pelas sugestões para a organização deste programa e pelas muitas horas de conversa sobre estes assuntos; às Anas Margaridas, Macedo e Nunes de Almeida, pela solidariedade e pela disponibilidade constantes, mas também porque são exemplos, em domínios diferentes, do que entendo deverem ser traços fundamentais da investigação: o rigor e a persistência; à Teresa Barata Salgueiro e ao Carlos Alberto Medeiros, pelo seu apoio e pela solicitude com que responderam às inúmeras dúvidas que me surgiram na persecução desta tarefa.

## II - QUESTÕES METODOLÓGICAS NOS CURRÍCULOS DE GEOGRAFIA

---

A pouca atenção dispensada no(s) curso(s) de Geografia da FLUL às questões teóricas e metodológicas reflecte-se com nitidez nas suas diversas composições curriculares<sup>2</sup>.

Até 1974, podem-se identificar três períodos:

- A reforma de 1911 limita este domínio de aprendizagem à cartografia.
- Em 1930, o currículo passa a contemplar a Matemática, a Geografia Matemática (ambas relacionadas com o estudo da Cosmografia, entendido, na altura, como uma dimensão da Geografia) e a História da Geografia (eventualmente por se atravessar um período de confronto aberto entre deterministas e possibilistas).
- Em 1957, as matemáticas são retiradas, mantendo-se a cartografia (desenho topográfico) e introduzindo-se a Geografia Aplicada que visava ligar a Geografia ao Planeamento, orientação apoiada, sobretudo, na experiência francesa.

Desde 1974, registam-se diversas tentativas no sentido de incluir o domínio teórico e metodológico nos currículos da licenciatura em Geografia:

- Em 1975, por decisão conjunta de alunos e professores, forma de regulação típica de um período revolucionário, é introduzida a disciplina de Introdução à Geografia que se propunha apresentar as diversas concepções e as várias perspectivas da Geografia (de facto, acabou por se concretizar na exposição dos diversos conteúdos temáticos da Geografia efectuada por 12 docentes ao longo de um semestre).
- Em 1976, também por decisão interna, a Introdução à Geografia divide-se em Introdução às Ciências do Ambiente e Introdução às Técnicas das Ciências Sociais.

---

<sup>2</sup> A informação que se apresenta a seguir foi obtida nos textos legais (decretos publicados nos Diários do Governo, 11/05/1911, 14/07/1918, 17/11/1926, 25/02/1930, 30/10/1957), no Livro Guia do Curso de Geografia organizado por Ilídio do Amaral em 1973 (editado pelo Centro de Estudos Geográficos), na comunicação "A organização do curso de Geografia na Faculdade de Letras de Lisboa depois de 25 de Abril de 1974", apresentada por Carlos Alberto Medeiros e Jorge Gaspar no II Colóquio Ibérico de Geografia em 1980 e nos planos de estudos e programas das disciplinas depositados no Departamento de Geografia.



Esta segunda disciplina revela, pela primeira vez de modo formal, preocupações de carácter epistemológico, incluindo não só técnicas instrumentais, quantitativas e qualitativas, mas também questões de enquadramento teórico.

- A partir de 1978, primeira reforma legal a seguir ao 25 de Abril, a estatística e a cartografia monopolizam, em larga medida, a componente metodológica do curso.
- Para além dessas duas matérias que têm configurado várias disciplinas, deve salientar-se, como marco de referência de uma concepção mais abrangente da metodologia, a disciplina optativa de História e Teoria da Geografia que funcionou, com algumas interrupções, entre 1979 e 1995, visando, sobretudo, contextualizar a evolução da Geografia na dupla óptica dos paradigmas que tem vindo a adoptar e do quadro sócio-cultural em que as suas respostas se inserem.
- Deve também ser referenciada a emergência da disciplina de Análise Regional e Urbana em 1986/87, que corresponde, numa linha de continuidade com a análise estatística, à autonomização do domínio da modelização.
- Em 1998, é aprovado o actual plano curricular registando-se um reforço significativo da componente metodológica, mas ligada, uma vez mais, sobretudo, ao desenvolvimento de técnicas instrumentais; as únicas excepções a este modo de encarar a dimensão metodológica do curso dizem respeito a um bloco reduzido de aulas na disciplina de Métodos e Técnicas da Geografia e à disciplina de Epistemologia da Geografia, obrigatória apenas na variante de Ensino da Geografia.

Como concepção dominante dos cursos de Geografia da FLUL, tem prevalecido uma perspectiva em que a metodologia é encarada de forma restrita e instrumental, associada às técnicas que permitem resolver problemas empíricos. Trata-se de uma perspectiva que associa os métodos aos dados e em que estes determinam os procedimentos a seguir, ao nível da recolha e do tratamento da informação.

A informação apresentada no quadro da página seguinte<sup>3</sup> revela que, nalguns cursos de Geografia que podem ser considerados referências ao nível internacional, a importância atribuída às disciplinas metodológicas é muito significativa e que essa aprendizagem é entendida de uma forma abrangente, aliando o quadro teórico e conceptual aos métodos instrumentais.

---

<sup>3</sup> As Universidades que surgem no quadro foram seleccionadas por duas razões: a primeira, poderem ser consideradas escolas de referência ao nível do ensino da Geografia e a segunda, de carácter mais operativo, liga-se com a disponibilidade dos dados na Internet.

**DISCIPLINAS DE CARÁCTER METODOLÓGICO NAS LICENCIATURAS DE GEOGRAFIA DE  
ALGUMAS ESCOLAS DE REFERÊNCIA (2001)**

<b>UNIVERSIDADE</b>	<b>DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS</b>	<b>DISCIPLINAS DE OPÇÃO</b>
University of Oxford (RU)	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Geographical Techniques (1º ano);</li> <li>. Ideas in Geography (1ºano);</li> <li>. The Philosophy, Nature &amp; Practice of Geography (2ºano).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Historical geographical materialism;</li> <li>. Historical geography (1 e 2);</li> <li>. Mathematical geography;</li> <li>. Ideas about the Earth's Surface;</li> </ul>
Trinity College – Dublin (Irlanda)	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Introduction to Geography (1ºano);</li> <li>. Practical Geography (Cartography and Statistics) (1ºano);</li> <li>. Statistical Methods (1ºano);</li> <li>. An Introduction to Research (2ºano);</li> <li>. History and Philosophy of Geography (3ºano).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Statistical Applications (2ºano);</li> <li>. Land Surveying Techniques (2ºano);</li> <li>. Geographical Information Systems (2º/3º anos);</li> <li>. Applied GIS (3ºano);</li> </ul>
Berkeley – University of California (USA)		<ul style="list-style-type: none"> <li>. History of Environmental Thought;</li> <li>. History of Geographical Thought,</li> <li>. Field Methods for Physical Geography;</li> <li>. Cartographic Representation;</li> <li>. Topographic Map Analysis;</li> <li>. Building the Digital Earth;</li> <li>. Advanced Cartographic Methods;</li> <li>. GIS;</li> </ul>
Université de Laval (Canadá)	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Méthodes d'analyse spatiale;</li> <li>. Pensée Géographique contemporaine;</li> <li>. Cartographie assistée par ordinateur;</li> <li>. Initiation à la méthodologie;</li> <li>. Atelier de photo interprétation;</li> <li>. SIG;</li> <li>. SS – Science de l'information géographique I;</li> <li>. Analyse de photographies aériennes;</li> <li>. L'information géographique I et II;</li> <li>. Télédétection: principes, méthodes...;</li> <li>. Pratique professionnelle de la Géographie.</li> </ul>	
Universitat Autònoma de Barcelona (Espanha)	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Cartografia I fotointerpretació;</li> <li>. Anàlisi espacial i models;</li> <li>. Teoria i mètodes de la geografia;</li> <li>. SIG I;</li> <li>. Tècniques en geografia;</li> <li>. Anàlisi qualitativa en geografia;</li> <li>. Geografia humana aplicada.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Epistemologia i metodologia de la geografia;</li> <li>. Metodologia i tècniques professionals en geografia.</li> </ul>
Universidad Complutense de Madrid (Espanha)	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Técnicas Cuantitativas en Geografía I (1ºano);</li> <li>. Cartografía general y temática (1ºano);</li> <li>. Fotointerpretación (1ºano);</li> <li>. Análisis geográfico regional (1ºano);</li> <li>. SIG (3ºano);</li> <li>. Métodos y Técnicas Cualitativas (3ºano);</li> <li>. Teoría e instrumentos de O.T. (3ºano)???</li> <li>. Met. Integrada de Ordenación del Territorio (4ºano);</li> <li>. Teoría y Métodos de la Geografía I y II (4ºano);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Técnicas cartográficas em G.Física;</li> <li>. Fotointerpretación y Teledetección en G.Física;</li> <li>. Interpretac. de imagens aéreas en G.Humana;</li> <li>. Técnicas Cuantitativas II;</li> <li>. Técnicas Cualitativas II e III;</li> <li>. SIG II;</li> <li>. Teledeteccion;</li> <li>. La Geografía Española: Evolución y situación actual;</li> </ul>
Universitat de Barcelona – Dept. Geografia Humana (Espanha)	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Cartografia General e Temàtica;</li> <li>. Fotointerpretació e imatges de satèl.lit;</li> <li>. Geografia: Teoria i Mètodes;</li> <li>. SIG I e II;</li> <li>. Tècniques d'anàlisi qualitativa;</li> <li>. Tècniques informàtiques aplicades a la Geografia.</li> </ul>	

Fonte: *Sites* Internet das respectivas Universidades.



### **III - OBJECTIVOS, ESTRATÉGIAS E ORIENTAÇÕES DA DISCIPLINA**

---

Os conteúdos programáticos, apresentados no ponto seguinte, concretizam um conjunto de objectivos, gerais e específicos, e permitem desenvolver algumas estratégias pedagógicas que se consideram pertinentes no âmbito da disciplina de Metodologia de Investigação em Geografia Humana.

Como objectivos gerais da disciplina, salientam-se os seguintes:

- Reflectir sobre as especificidades e as finalidades do conhecimento científico e sobre o papel da ciência, e da Geografia em particular, na sociedade.
- Perceber a relação entre os diversos discursos da geografia e as condições em que se desenvolve a produção de conhecimento geográfico.
- Discutir a identidade da Geografia e procurar as suas principais referências.
- Compreender que os resultados obtidos numa pesquisa dependem do quadro teórico e dos procedimentos metodológicos, ou seja, que os dados não falam por si.

Tendo presente que a disciplina de Metodologia de Investigação em Geografia Humana se deve situar na última etapa da licenciatura e atendendo aos conteúdos das disciplinas obrigatórias de cariz metodológico que a precedem, admite-se prestar uma atenção mais reduzida às técnicas de análise quantitativa de dados e à cartografia.

Assim, no campo dos objectivos específicos, pretende-se desenvolver as seguintes competências:

- Saber escolher um domínio e um objecto de investigação, tendo em atenção a pertinência do assunto no domínio da Geografia, o interesse pessoal, a exequibilidade do estudo e o seu contributo social.
- Organizar um projecto de investigação, partindo dos seguintes princípios: (i) as boas respostas correspondem necessariamente a questões bem formuladas,

(ii) não existem conclusões ou teses sem hipóteses, (iii) a validade das conclusões resulta da adequação e do rigor da recolha e do tratamento dos dados.

- Identificar os dados necessários para o desenvolvimento das hipóteses e para a concretização do estudo - os dados necessários para responder às questões chave da investigação.
- Garantir a adequação dos métodos de recolha de dados, ou seja, saber quando e como utilizar os diversos procedimentos.
- Garantir a adequação dos métodos de tratamento da informação, ou seja, saber como analisar, sintetizar e apresentar os dados.

Os objectivos enunciados estão ancorados em estratégias pedagógicas que visam reforçar as competências científicas e técnicas dos alunos promovendo o espírito reflexivo, a atitude crítica através do debate de ideias e concepções, os procedimentos autónomos e a capacidade de decisão e o desenvolvimento de argumentação fundamentada.

Em função dos objectivos enunciados, considera-se que a disciplina de Metodologia de Investigação em Geografia Humana deve situar-se no último ano da graduação em Geografia, ligada à concepção e desenvolvimento de um projecto de investigação.

Neste quadro, não faz sentido a distinção entre aulas teóricas e práticas, privilegiando-se uma relação pedagógica interactiva baseada na reflexão e discussão dos diversos assuntos, na identificação de pontos consensuais e de pontos de discordância e nos processos de operacionalização dos instrumentos teóricos e metodológicos.

Nesse cenário concreto de inserção da disciplina de Metodologia de Investigação em Geografia Humana, deve sublinhar-se a necessidade de uma articulação estreita com as disciplinas de âmbito metodológico dos semestres iniciais da licenciatura.

Atendendo aos conteúdos programáticos dessas disciplinas, a Metodologia de Investigação em Geografia Humana deve privilegiar a realização de balanços críticos, especialmente no campo da análise estatística, da expressão gráfica e da cartografia.

A orientação seguida na definição dos conteúdos deste programa baseia-se no entendimento da metodologia como uma ponte que liga o quadro teórico e conceptual aos resultados empíricos, como um processo multi-etápico que vai desde a construção dos princípios orientadores da pesquisa até à recolha e tratamento dos dados. É interessante lembrar aqui que o termo *methodos* significava, em grego, o caminho para a meta.

Pelas razões anteriormente apresentadas, os itens enunciados e desenvolvidos nos capítulos seguintes não correspondem à intenção de contemplar exhaustivamente todos os assuntos que possam ser considerados no campo da metodologia de investigação em Geografia Humana; nem se pretende, sequer, apresentar o "estado da arte".

Os conteúdos programáticos aqui contemplados correspondem a um conjunto de aspectos que se consideram essenciais para o desenvolvimento coerente e rigoroso de um projecto de investigação. Isto significa que, por um lado, permitem construir um travejamento seguro e original para a concretização de uma pesquisa e, por outro, obrigam a reflectir sobre os procedimentos a adoptar e sobre os resultados obtidos.



## **IV - CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS**

---

### **A - PRINCÍPIOS ORIENTADORES DE UM PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO: A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO**

- A.1. Os alvos do conhecimento: a noção de realidade, sujeito e objecto
- A.2. Do senso comum ao conhecimento científico: natureza - cultura, indivíduo - sociedade, nós - outros
- A.3. Os principais paradigmas que enquadram o conhecimento científico
- A.4. O método científico
- A.5. Algumas questões sobre o papel da ciência na sociedade

### **B - A CONCEPÇÃO DE UM PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO - O PLANO**

- B.1. As etapas da investigação: dos preconceitos aos conceitos e das hipóteses às teses
- B.2. Os objectos e as perspectivas de estudo - focar o quê? olhar como?
- B.3. O modelo de análise: problemas, conceitos e hipóteses
  - B.3.1. O ponto de partida de uma investigação em Geografia Humana: um espaço? um fenómeno? uma situação? um processo?
  - B.3.2. Exploração e problematização da questão de partida
  - B.3.3. Conceitos-chave e dimensões analíticas
  - B.3.4. Esquematização do modelo analítico e formulação da hipótese



## C - A OPERACIONALIZAÇÃO DE UM PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO – DADOS, PROCEDIMENTOS E RESULTADOS

### C.1. Estratégias de análise

C.1.1. Análise sincrónica e análise diacrónica

C.1.2. Análise prospectiva

C.1.3. Modelização

C.1.4. Análise abstracta, extensiva e intensiva

### C.2. Concretização do modelo de análise

C.2.1. Definição de indicadores

C.2.2. Construção de indicadores

### C.3. Recolha dos dados

C.3.1. Observação: grelhas de leitura

C.3.2. Entrevistas: definição da população alvo e construção do guião

C.3.3. Análise *focus group*: estratégias para promover a interacção

C.3.4. Estudo de casos: a selecção dos casos, a definição e a articulação das tarefas de recolha de dados

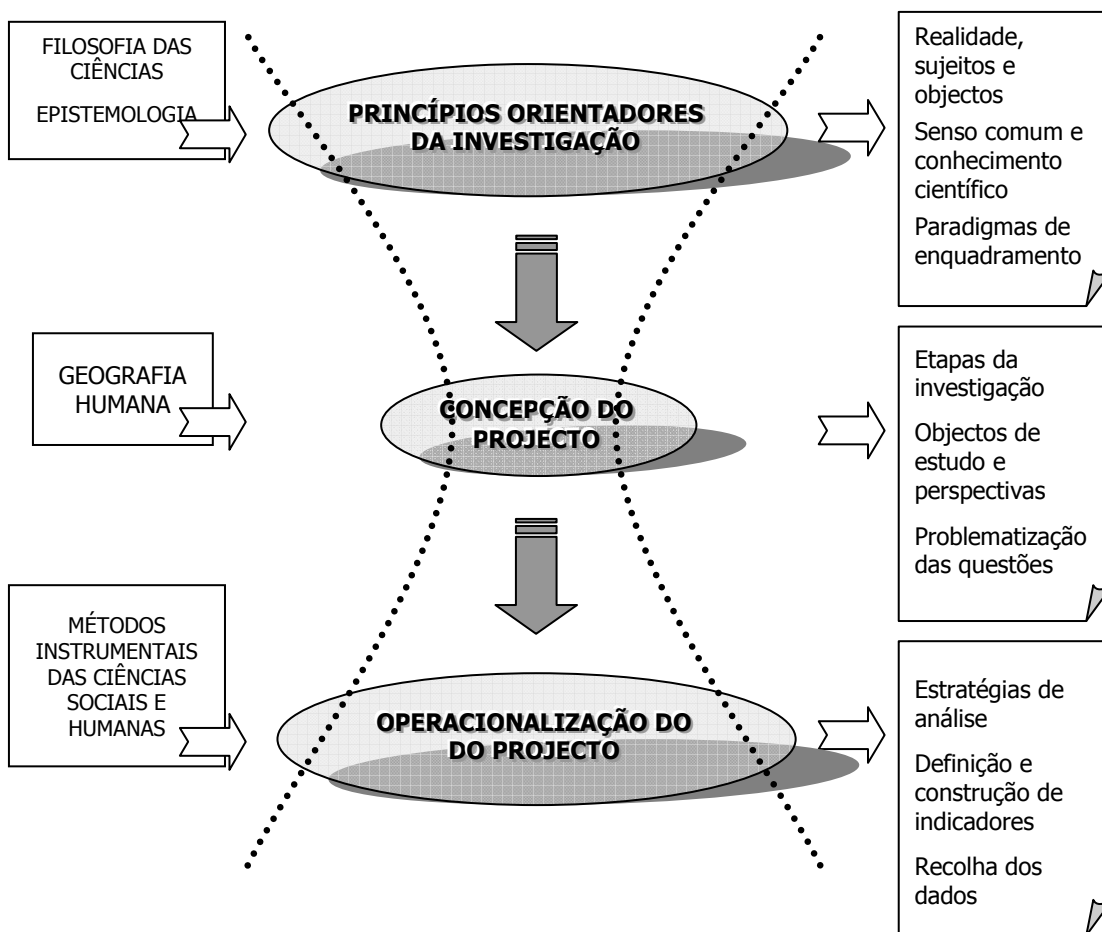
### C.4. Tratamento dos dados

### C.5. Resultados da investigação - o que dizem os dados?

Os vários temas incluídos no programa organizam-se em três partes com características distintas. Na primeira parte adopta-se uma visão muito ampla das questões metodológicas, inserindo-as no campo da produção do conhecimento científico - zona de fronteira entre as ciências e a filosofia. Na segunda parte, em que se discutem os diversos instrumentos teóricos e conceptuais de um projecto de investigação, a atenção foca-se na Geografia Humana. Na terceira parte, retoma-se

uma perspectiva mais ampla para apresentar um conjunto de métodos instrumentais que a Geografia Humana partilha com outras ciências.

### ESQUEMATIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS DO PROGRAMA





# V - DESENVOLVIMENTO DOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

---

## A - PRINCÍPIOS ORIENTADORES DE UM PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO: A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO

### A.1. Os alvos do conhecimento: a noção de realidade, sujeitos e objectos

O que visa o conhecimento? O que se quer conhecer? E para quê?

O alvo de todo o conhecimento é a REALIDADE, conceito muito complexo e abstracto que tem sido, ao longo dos séculos, uma questão central da reflexão filosófica, em geral, e da teoria do conhecimento, em particular.

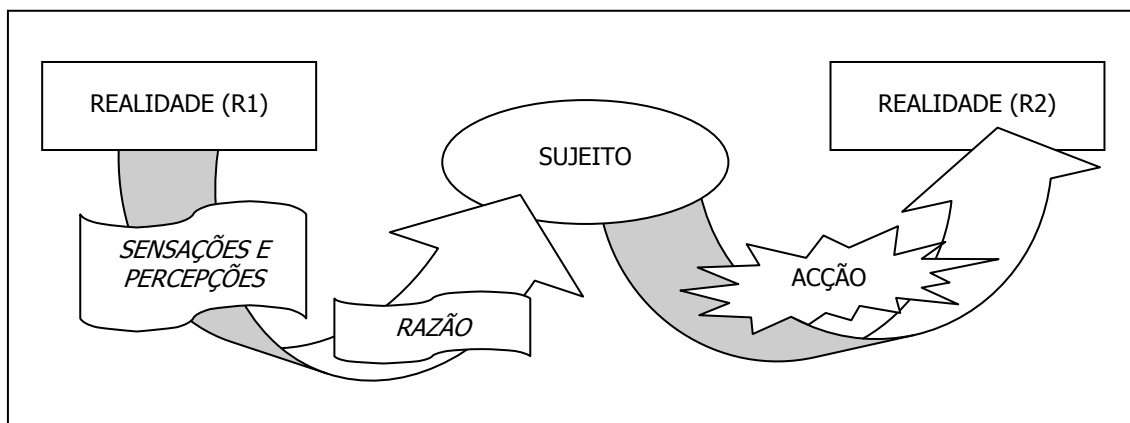
Existe uma realidade exterior ao sujeito e independente dele? Ou a realidade é uma construção do sujeito? Estas questões configuram o confronto entre idealismo e materialismo.

#### MATERIALISMO E IDEALISMO: DUAS VISÕES DO CONHECIMENTO

MATERIALISMO	IDEALISMO	
O OBJECTO EXISTE INDEPENDENTEMENTE DO SUJEITO O CONHECER	O OBJECTO SÓ EXISTE EM FUNÇÃO DO SUJEITO	
O OBJECTO TRANSMITE INFORMAÇÕES AO SUJEITO	O CONHECIMENTO DO OBJECTO DEPENDE DE: IDEIA PRÉVIA (CONCEITO)	SENSAÇÕES E PERCEPÇÕES DO SUJEITO
OS VÁRIOS SUJEITOS RECEBEM A MESMA INFORMAÇÃO	O OBJECTO É SEMELHANTE PARA OS SUJEITOS QUE PARTILHAM O MESMO CONCEITO	CADA SUJEITO CONHECE O OBJECTO DE MODO DIFERENTE CONSOANTE A SUA EXPERIÊNCIA
	IDEALISMO OBJECTIVO	IDEALISMO SUBJECTIVO

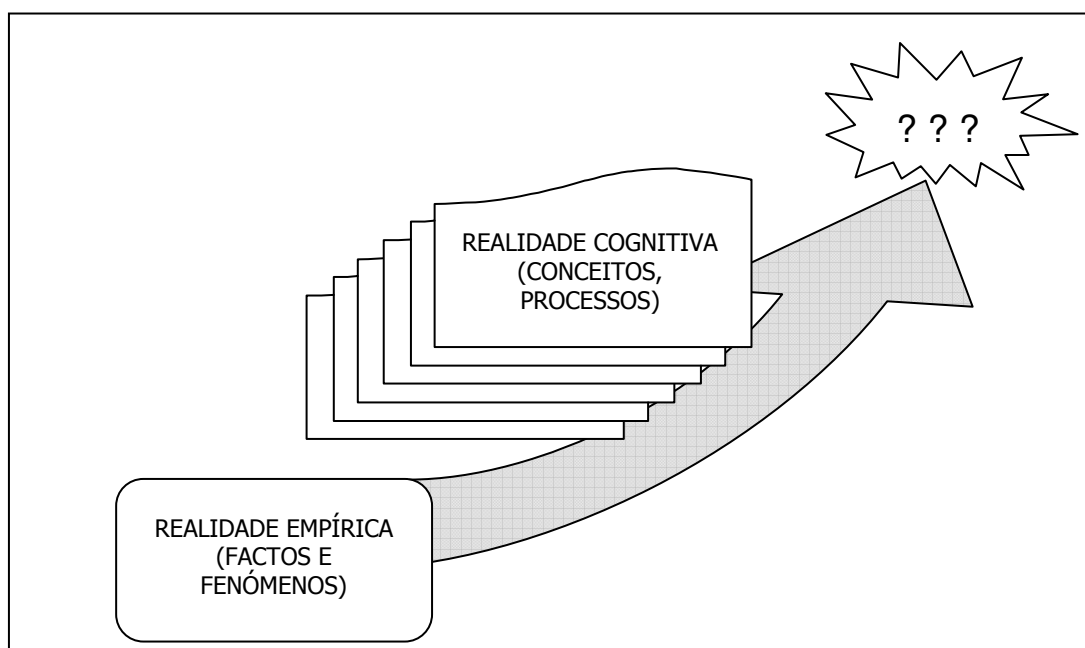
A todo o momento, o sujeito "recebe" uma realidade e age sobre ela, provocando transformações mais ou menos amplas?

### RECEPÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE



Pode-se conceber uma realidade empírica (dos factos e dos fenómenos), constituída por todos os objectos que nos chegam através das sensações e das percepções. Mas, pode-se também assumir a existência de uma realidade cognitiva que engloba todas as abstrações construídas a partir da realidade empírica (conceitos, processos, ...). E existem outras realidades? O que faz ampliar o património cognitivo? O avanço do conhecimento dá-se em direcção a quê?

### REALIDADE EMPÍRICA, REALIDADE COGNITIVA E OUTRA REALIDADE?



## A.2. Do senso comum ao conhecimento científico - natureza e cultura, indivíduo e sociedade, nós e os outros

O senso comum baseia-se na experiência do quotidiano e visa resolver os problemas do quotidiano. Permite dar coerência aos fenómenos e controlá-los.

O conhecimento científico baseia-se num quadro teórico e em métodos sistemáticos e visa dar respostas socialmente reconhecidas aos diversos tipos de problemas. Permite explicar os fenómenos.

As bases da interpretação são geralmente distintas no senso comum e no conhecimento científico, dando origem respectivamente a preconceitos e a conceitos.

### SENSO COMUM E CONHECIMENTO CIENTÍFICO

<i>BASES DE INTERPRETAÇÃO</i>	
<i>SENSO COMUM</i>	<i>CONHECIMENTO CIENTÍFICO</i>
<p>NATUREZA</p> <p>(os factos sociais surgem como indiscutíveis e incontroversos se lhes for atribuído um cariz natural, p.e. as mulheres são <u>naturalmente</u> compreensivas, a <u>natureza</u> de determinado povo africano conduz ao ócio)</p>	<p>CULTURA</p> <p>(as condições naturais são um dado continuamente utilizado e transformado pela cultura, nenhuma das condições bio-físicas é absoluta, todas dependem do modo como são percebidas, apropriadas e transformadas)</p>
<p>INDIVÍDUO</p> <p>(os factos sociais surgem associados aos comportamentos, vontades ou decisões individuais)</p>	<p>SOCIEDADE</p> <p>(o quadro social não é apenas um somatório de indivíduos)</p>
<p>EU/NÓS</p> <p>(os valores próprios ou do grupo de pertença constituem as normas de referência)</p>	<p>OUTROS</p> <p>(o conhecimento científico privilegia a alteridade, visa compreender e comparar diferentes olhares sobre uma mesma realidade)</p>
↓	↓
PRECONCEITOS	CONCEITOS

Nas ciências sociais, a fronteira entre senso comum e conhecimento científico é frequentemente difícil de traçar. A realidade social é construída pelas pessoas e, por isso, aparenta ser mais fácil de interpretar do que a realidade natural. Por outro lado, os investigadores são, muitas vezes, ao mesmo tempo, sujeitos e objectos da pesquisa.

Qual é, então, a diferença entre senso comum e conhecimento científico?

Segundo Gaston Bachelard, o facto científico parte do senso comum e corresponde a:

- Uma conquista sobre os preconceitos.
- Uma construção através da razão.
- Uma verificação através dos factos.

Poderia acrescentar-se, ainda, uma outra etapa:

- Uma apropriação social através da difusão do conhecimento.

### **A.3. Os principais paradigmas que enquadram o conhecimento científico**

O desenvolvimento do espírito científico não se pode resumir à produção de ciência, ele corresponde a uma era nova na História da Humanidade – a Modernidade.

A concepção moderna de ciência nasce com o racionalismo. O conhecimento científico é visto como uma (re)construção mental elaborada a partir dos dados do mundo sensível, é um exercício de abstracção que visa a generalização. É valorizada a ordenação (do simples para o complexo) e a exaustividade das observações (Descartes, *O Discurso do Método*).

Os modos de encarar a ciência têm variado e, num mesmo momento, confrontam-se diversas concepções. Podem distinguir-se três grandes concepções da ciência (Habermas, cit. por Tim Unwin, 1992) onde estão ancorados os paradigmas que configuram os objectivos e os métodos do conhecimento científico nas ciências sociais e humanas.

## CONCEPÇÕES E PARADIGMAS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

PRINCIPAIS CONCEPÇÕES DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS	PARADIGMAS FUNDAMENTAIS	PRINCIPAIS TRAÇOS DE CARACTERIZAÇÃO
A CIÊNCIA EMPÍRICO- ANALÍTICA	EMPIRICISMO	A ciência visa conhecer os conteúdos factuais - os factos falam por si próprios
	POSITIVISMO	A ciência visa enunciar leis que permitam explicar e prevêr os fenómenos através de relações de causa-efeito As leis são construídas a partir da recolha objectiva e sistemática de dados - método indutivo
	NEO-POSITIVISMO	A ciência visa enunciar leis que permitam explicar e prevêr os fenómenos através de relações de causa-efeito As leis são construídas a partir de pressupostos baseados na lógica e confirmados através da verificação empírica - método dedutivo
A CIÊNCIA HISTÓRICO- HERMENÊUTICA	BEHAVIOURISMO	A ciência visa definir modelos de comportamento e de decisão – a acção humana é mediada por processos cognitivos
	FENOMENOLOGIA	A ciência visa compreender os significados das acções humanas e não explicá-las Pretende-se compreender o significado atribuído aos fenómenos por cada indivíduo no sentido de interpretar as suas acções
	EXISTENCIALISMO	A ciência visa compreender não só os significados das acções humanas mas sobretudo os valores que motivam essas acções
	IDEALISMO	A ciência visa compreender os padrões de comportamento através das ideias que os configuram - a realidade não existe fora das observações e das representações individuais
	PRAGMATISMO	A ciência visa compreender os fenómenos e as interacções sociais através dos comportamentos e das experiências dos indivíduos
A CIÊNCIA CRÍTICA	MARXISMO/ /ESTRUTURALISMO	A ciência visa a investigação das estruturas económicas, políticas e ideológicas que determinam as relações sociais O método de investigação é o materialismo dialético
	ESTRUTURACIONISMO	A ciência visa a investigação da relação dialética e contingente que se estabelece entre as estruturas e os indivíduos
	REALISMO	A ciência visa a investigação dos mecanismos e das estruturas que formatam os fenómenos sociais (estruturas, mecanismos e fenómenos correspondem a três níveis da realidade) Pretende-se identificar os mecanismos causais (investigação intensiva) e as regularidades empíricas (investigação extensiva)
	PÓS-MODERNISMO	A ciência pós-moderna recusa a metanarrativa proposta por todos os outros paradigmas - os regimes de verdades singulares Assume-se que todas as interpretações da realidade são válidas dependendo apenas do contexto em que são convocadas

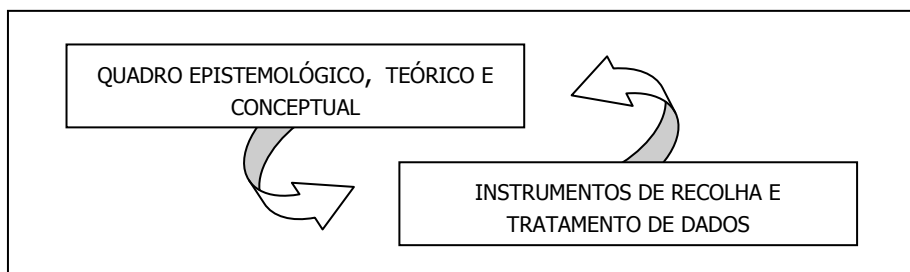
Adaptado de Rob Kitchin e Nicholas Tate (2000)



#### A.4. O método científico

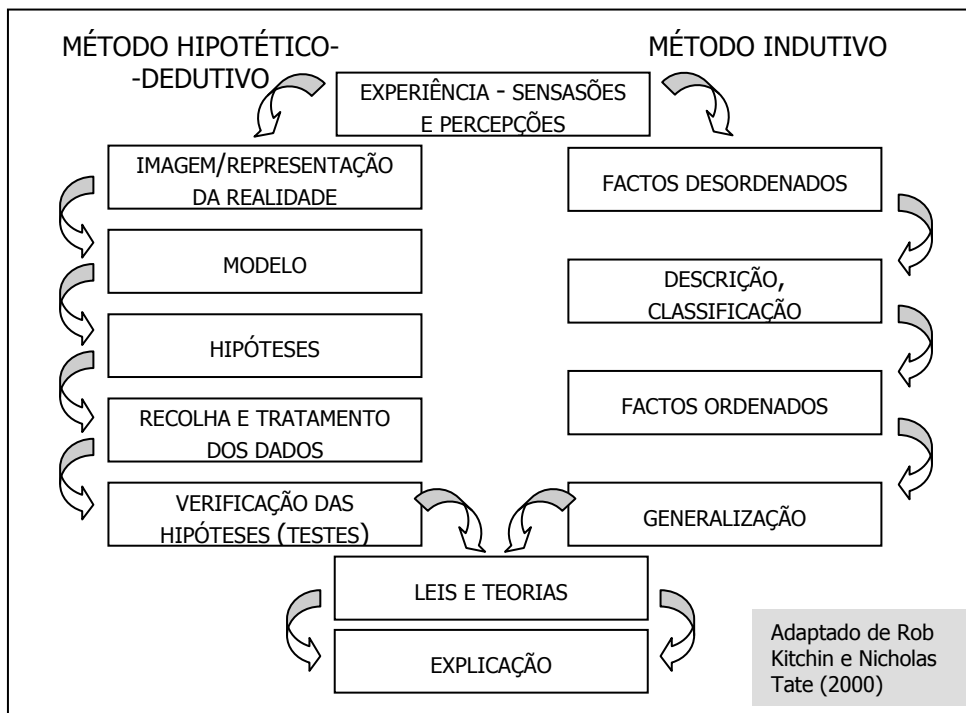
O conhecimento científico obedece a regras de construção precisas e explícitas que variam consoante os paradigmas. Essas regras correspondem, na sua globalidade, à metodologia científica. No desenvolvimento de um projecto de investigação não se podem dissociar, seja qual for o paradigma de enquadramento, as várias componentes da metodologia.

#### COMPONENTES METODOLÓGICAS



Radicados nos paradigmas positivistas, mas atravessando diversas perspectivas teóricas, salientam-se dois métodos científicos fundamentais: o método indutivo e o método hipotético-dedutivo.

#### MÉTODOS DE PESQUISA



## **A.5. Algumas questões sobre o papel da ciência na sociedade**

*O avanço do conhecimento científico dá-se no sentido do progresso?*

Durante as etapas iniciais do percurso da ciência moderna, até às primeiras décadas do século XX, acreditava-se que a evolução científica se dava no sentido do progresso. A ciência acabaria por encontrar a solução para todos os problemas. O positivismo tinha permitido conhecer as leis que regem o Mundo.

Progressivamente, essa visão optimista do papel da ciência foi cedendo o lugar a uma atitude mais céptica. Razões tão distintas como a Teoria dos Quanta (que introduz a ideia de indeterminação dos fenómenos a partir da constituição dos átomos) e a Teoria da Relatividade ou o lançamento da bomba atómica sobre Hiroshima parecem ter tido um papel determinante na emergência e consolidação da nova atitude - a ciência não garantia certezas e tinha descoberto a solução para destruir a Humanidade. Ao contrário do que se pensava antes, o avanço científico, embora guiado pelo uso da razão, tinha dado origem a acções perversas. Terá, esta mudança, marcado o início do fim da Modernidade?

*A ciência legitima o poder?*

"O Mundo será de quem melhor o conhecer". Esta máxima das Sociedades de Geografia fundadas durante o Século XIX ilustra explicitamente a importância da ciência como veículo de legitimação do poder, político e económico. Com a fundação das universidades modernas, a ciência torna-se um assunto de estado.

Uma grande parcela das decisões e acções políticas convocam o saber científico para se justificarem. Tal como, há alguns séculos atrás, se decidia e agia em nome de Deus, nas últimas décadas, decide-se e age-se em nome da ciência (veja-se a frequência com que os políticos aludem a estudos para justificar as suas decisões).

### *A ciência promove o desenvolvimento?*

O desenvolvimento económico não pode ser actualmente concebido sem a ciência. As actividades de I&D tornaram-se um segmento crucial da economia nos países mais avançados. A sociedade da informação, da aprendizagem e do conhecimento é hoje um lugar comum na maioria dos discursos sobre desenvolvimento.

E não é só a economia que apela ao conhecimento técnico e científico. Em muitos domínios da esfera social, a ciência impõe-se como fonte dos "verdadeiros saberes", situação que é particularmente nítida nos campos da saúde ou da educação - a medicina e a pedagogia, respectivamente, monopolizam os procedimentos considerados legítimos.

### *A ciência ao serviço da democracia ou a democratização da ciência?*

O discurso científico é altamente codificado. Porquê? Porque o assunto é complexo ou porque permanece na Torre de Babel, longe do cidadão comum?

Vale a pena reflectir sobre um pequeno texto a este propósito. Num artigo publicado no *Diário de Notícias*, em de 21 Dezembro de 1997, intitulado "Divulgação científica e democrática", Galopim de Carvalho dizia que "o divulgador é visto, por assim dizer, como alguém que traiu a classe ou o seu clube privado, que deixou de fazer ciência, ou que passou a fazê-la barata, em mangas de camisa e sem gravata, ou ainda, aquele, que em vez de ciência, passou a fazer espectáculo. Até folclore já ouvimos chamar a algumas das realizações deste teor, todas elas pautadas por uma muito gratificante adesão daqueles a quem são dirigidas".

A democratização da ciência relaciona-se, por um lado, com a possibilidade efectiva de acesso ao conhecimento e, por outro, com a mais valia que os saberes científicos representam na promoção da qualidade de vida das pessoas.

Numa óptica um pouco distinta, o conhecimento científico deve ser visto também como um contributo importante para a democracia, nomeadamente porque os saberes que privilegiam a alteridade promovem a tolerância e o respeito pela diferença. Por outro lado, porque a equidade, enquanto dimensão estrutural da cidadania, é um processo social e culturalmente construído, no âmbito do qual os saberes científicos devem emergir como pilares estruturantes.



## B - A CONCEPÇÃO DE UM PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO - O PLANO

### B.1. As etapas da investigação: dos preconceitos aos conceitos e das hipóteses às teses

A investigação científica é um processo que se desenvolve a partir de uma questão de partida e termina numa tese ou resposta reconhecida pela comunidade científica.

Convocando novamente Gaston Bachelard, os três momentos de construção do facto científico (ver ponto A.2) correspondem precisamente aos princípios que organizam as etapas do processo de investigação.

#### ETAPAS DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO

PRÍNCIPIOS	ETAPAS
<b>Conquista</b> sobre os preconceitos	Definição da questão de partida - o que se quer conhecer - o objecto de estudo
	Exploração do objecto de estudo - o que já se conhece
	Problematização do objecto de estudo - os problemas a resolver e os instrumentos teóricos e metodológicos a utilizar
<b>Construção</b> através da razão	Conceptualização - identificação dos conceitos chave do(s) problema(s) e das suas dimensões analíticas
	Concepção do modelo de análise (estrutura da investigação) - as relações entre conceitos chave
	Identificação da hipótese - proposição a comprovar
<b>Verificação</b> através dos factos	Recolha dos dados adequados ao desenvolvimento da hipótese, através da operacionalização do modelo de análise
	Tratamento dos dados
	Conclusão - respostas e/ou teses

Adaptado de Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1998)

A verificação das hipóteses é um princípio bastante controverso. Deve admitir-se que nem só os factos (os dados empíricos) comprovam as hipóteses: a lógica ou a coerência dos argumentos são também reconhecidas como meios de validação de hipóteses.

## B.2. Os objectos e as perspectivas de estudo. Focar o quê? Olhar como?

Parece consensual que o espaço é o objecto de estudo da Geografia, a sua referência e a sua identidade. Mas, de que falamos exactamente ao falar de espaço? A ideia de espaço surge quase sempre ligada ao território, à paisagem, às regiões ou aos lugares.

No livro *Introducing Human Geographies*, editado por Paul Cloke, Philip Crang e Mark Goodwin, em 1999, os objectos de estudo da Geografia Humana são apresentados de três modos distintos: os fundamentos, os temas e os contextos. Esta classificação é um bom ponto de partida para a reflexão sobre as perguntas - focar o quê? olhar como?

### AS GEOGRAFIAS HUMANAS

FUNDAMENTOS	TEMAS	CONTEXTOS
Cultura-natureza	<u>Geografias do Desenvolvimento</u> Desenvolvimento, pós-desenvolvimento e economia política global; sobrevivência e resistência; repensar o desenvolvimento	O corpo A cidade O país
Sociedade-espaço	<u>Geografias económicas</u> Produção, investimento e finança; consumo	A Europa
Local-global	<u>Geografias ambientais</u> Sustentabilidade; problemas ambientais e gestão; ambientalismo e conhecimentos ambientais	Colonialismo e pós-colonialismo Migrações e diásporas
Estrutura - agentes	<u>Geografias históricas</u> Modernidade e modernização; a interpretação geo-histórica do mundo moderno; memória e património	Viagens e turismo
Nós-Outros	<u>Geografias políticas</u> Geopolíticas; cidadania e governação; nacionalismo	Mercadorização (o cosmos capitalista)
Imagem-realidade	<u>Geografias sociais e culturais</u> Geografias da imaginação; paisagens; lugares	Os <i>media</i> Ciberespaço e cibercultura

Fonte: Paul Cloke, Philip Crang e Mark Goodwin (1999)

Como se ligam fundamentos, temas e contextos? Em que quadro emergem, se desenvolvem e desaparecem?

Que tipo de respostas são avançadas pela Geografia Humana?

Os objectos de estudo e o modo como são focados – os pontos de vista - são as principais referências identitárias da Geografia. Ao longo do seu percurso, a Geografia tem vindo a ser solicitada para responder a determinadas questões, algumas delas recorrentes, sobre objectos que partilha com outras ciências. O modo como a Geografia responde decorre dos paradigmas que, em cada momento, são considerados os mais adequados.

Neste ponto do Programa, procura-se, sobretudo, promover o debate sobre algumas das grandes questões da Geografia Humana apelando aos conhecimentos e à reflexão que os alunos desenvolveram nos anos precedentes da licenciatura. Pretende-se especialmente fornecer meios para “arrumar” ideias que, com frequência, se encontram “soltas”. Admite-se que anteriormente já foram apresentadas e discutidas as diferentes perspectivas teóricas da Geografia Humana, contextualizadas, de modo cronológico, no quadro dos vários paradigmas que têm configurado as Ciências Sociais e Humanas e no âmbito das condições sociais específicas em que se desenvolve a investigação.

Apresenta-se, assim, a seguir, o que se considera serem algumas das grandes questões da Geografia e respostas possíveis no quadro de diferentes paradigmas. Não existe aqui a preocupação de exaustividade, mas a de salientar, através de exemplos ilustrativos, os seguintes aspectos:

- A Geografia tem sido confrontada com questões que se mostram recorrentes.
- Existem várias respostas para cada questão consoante o paradigma em que se enquadra a reflexão.
- As diversas questões elegem determinados conceitos e privilegiam certos métodos instrumentais.



### Primeira questão: medidas, localizações e descrições

*CONHECER A TERRA E AS TERRAS*

Até à sua institucionalização, no século XIX, a Geografia foi sobretudo uma geometria e uma corografia. Conhecer a Terra e as terras e conquistar novos espaços foi, até à Modernidade, o principal motor de desenvolvimento o que se revelou um contexto particularmente favorável para a actividade dos geógrafos (viajantes, exploradores, cosmógrafos, ...). Ainda actualmente prevalece este conceito de Geografia no senso comum - a capital do país..., a altitude do pico..., a área da região..., a principal produção da ilha...

Através da escola, esta Geografia respondeu (responderá ainda?) a solicitações sociais especialmente relevantes, como aquelas que se ligam à construção da identidade geográfica, ou seja, ao desenvolvimento de sentimentos de pertença, especialmente importantes na consolidação dos estados-nação. Contribui(u) também para fortalecer, através do saber, o controlo político e económico dos territórios.

Até que ponto esse tipo de referências geográficas se constitui como um saber relevante para contextualizar outras questões?

### Segunda questão: as regularidades espaciais

*NO DESERTO, OS HOMENS SÃO MONOTEÍSTAS*

*OS CÍRCULOS DE VON THÜNEN, OS TRIÂNGULOS DE  
WEBER E OS HEXÁGONOS DE CHRISTALLER*

Com o positivismo, numa primeira fase, e com o neo-positivismo depois, a preocupação primeira da Geografia Humana foca-se nos padrões espaciais. A Nova Geografia pretende conhecer a regularidade dos padrões espaciais e generalizá-los através de modelos.

O cariz geométrico da Geografia antiga reaparece, só que, desta vez, o espaço é abstracto - parte-se do espaço isotrópico e, num segundo

momento, identificam-se obstáculos e barreiras que permitem aproximar os modelos da realidade. Ao nível conceptual, privilegiam-se, entre outros, os conceitos de distância relativa, acessibilidade, centralidade e fluxo.

A modelização e a capacidade preditiva (normativa ou probabilística) que lhe está associada conferem à Geografia um papel importante no âmbito do planeamento regional e urbano, aproximando-a bastante da economia regional.

Com o desmoronamento das certezas proclamadas durante as décadas que se seguiram à Segunda Guerra Mundial (os trinta anos gloriosos), apoiadas no neo-positivismo, esta resposta da Geografia vacila, confronta-se com inúmeras perguntas para as quais não tem resposta. É acusada de ser estática, de ignorar as dimensões sociais e culturais dos fenómenos humanos, de apenas descrever e não conseguir explicar e até mesmo de ser um instrumento do poder.

Apesar de toda a incerteza que caracterizou as últimas décadas do séc.xx, da recusa generalizada de verdades universais, é ou não importante conhecer a regularidade para compreender a diferença? É possível entender o particular sem referências gerais?

### Terceira questão: a relação entre natureza e cultura

*UM PAÍS ENTRE O MEDITERRÂNEO E O ATLÂNTICO<sup>4</sup>  
A QUE MARGEM PERTENCE O TEJO?<sup>5</sup>*

A relação entre natureza e cultura (que, muitas vezes, se tem designado como relações homem-meio) é talvez a questão chave da Geografia, atravessando toda a sua história. Partindo das observações ou das concepções filosóficas, situando-se no plano da evidência empírica ou no das representações, os conceitos de região, de paisagem, de território ou de lugar encontram-se, de diferentes modos, ancorados na dicotomia

---

4 Orlando RIBEIRO (1963) - Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Esboço de relações geográficas, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.

5 Tema de um trabalho realizado por Fernando Gomes e João Vasconcelos no âmbito da disciplina de Geografia Cultural (2000-2001).

natureza-cultura. Segundo o olhar, essa relação é determinista, contingente ou dialéctica.

Algumas das respostas que a Geografia tem dado no sentido de justificar ou de legitimar determinados processos políticos (como o expansionismo ou o colonialismo) radicam precisamente na forma como é equacionado o balanço entre as forças da natureza e as forças da cultura, ilustrado, por exemplo, pelas dicotomias selvagens e civilizados, índios e cowboys ou desenvolvidos e subdesenvolvidos. As próprias relações entre o Norte e o Sul contêm a relação entre natureza e cultura, apresentada frequentemente sob a forma de recursos *vs.* tecnologias e saberes.

As preocupações no âmbito do desenvolvimento sustentável, assunto sobre o qual a Geografia se tem pronunciado bastante nas últimas décadas, inserem-se também claramente no domínio das relações entre natureza e cultura.

A natureza e a cultura estabelecem relações de equilíbrio ou de domínio? A natureza pode ser encarada como uma construção cultural? Como se dá a naturalização da cultura? Como se estabelece a fronteira entre natureza e cultura? Um programa de televisão sobre a vida selvagem está no domínio da natureza ou no da cultura?

#### Quarta questão: os significados dos lugares

*QUANTO MAIS SE SOBE, MAIOR SE TORNA O MAR*<sup>6</sup>

*ITINERÁRIO DE PAISAGEM EM PAISAGEM*<sup>7</sup>

Compreender os espaços do quotidiano, as relações íntimas que as pessoas estabelecem com os lugares e os significados que lhes atribuem são respostas que a Geografia deve dar.

O espaço não é uma entidade objectiva, mas o resultado do valor simbólico que lhe é atribuído. A Geografia visa interpretar esses símbolos, entender o

---

<sup>6</sup> Augustin Berque (2000: 17)

<sup>7</sup> Denis Retaillé (1997: 105)

seu significado. É retomado o conceito de paisagem na medida em que ela é entendida como a síntese dos significados atribuídos ao espaço.

Os *graffitti* de Filadélfia (e, a seguir, muitos outros) tornaram-se célebres pela leitura que David Ley fez do espaço urbano através dessas marcas.

Uma fonte importante da Geografia que visa compreender o significado dos lugares e o valor simbólico dos espaços é a literatura e, sobretudo, a literatura de viagens. É por esta via que a quinta questão se liga à primeira – as descrições de lugares fantásticos encontrados (ou imaginados) pelos exploradores em épocas passadas são uma fonte importante para a interpretação dos significados.

É especialmente ilustrativo um relato de James Cook sobre a Austrália, claramente influenciado pela localização nos antípodas – “o Sol está «ao contrário» e as estações também (...), as árvores *mantêm a folha e perdem a casca (eucalipto)*, os mamíferos *põem ovos (monotrematos)*, as aves *não voam (avestruzes)*” (cit. Hervé Regnauld, 1998: 28)

#### Quinta questão: o território como contexto activo

*O TERRITÓRIO PRODUTO SOCIAL*

*O TERRITÓRIO MEDIADOR*

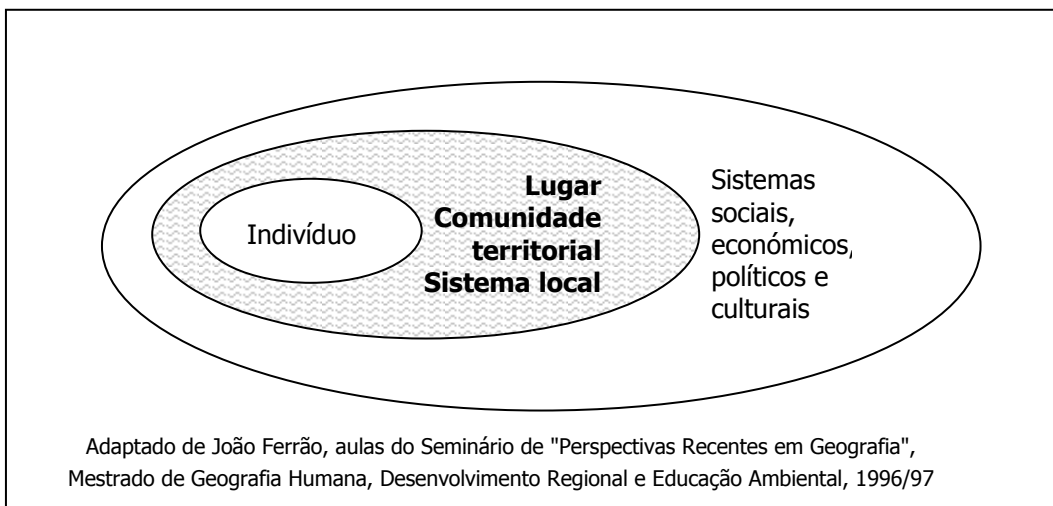
*O TERRITÓRIO ARQUIPÉLAGO*

Reagindo, em parte, às acusações dirigidas à Geografia neo-positivista, os geógrafos procuraram noutros paradigmas, designadamente no estruturacionismo e no realismo, novos modos de compreender o espaço, não apenas as suas manifestações empíricas, mas também as estruturas e os processos que configuram os factos ou fenómenos.

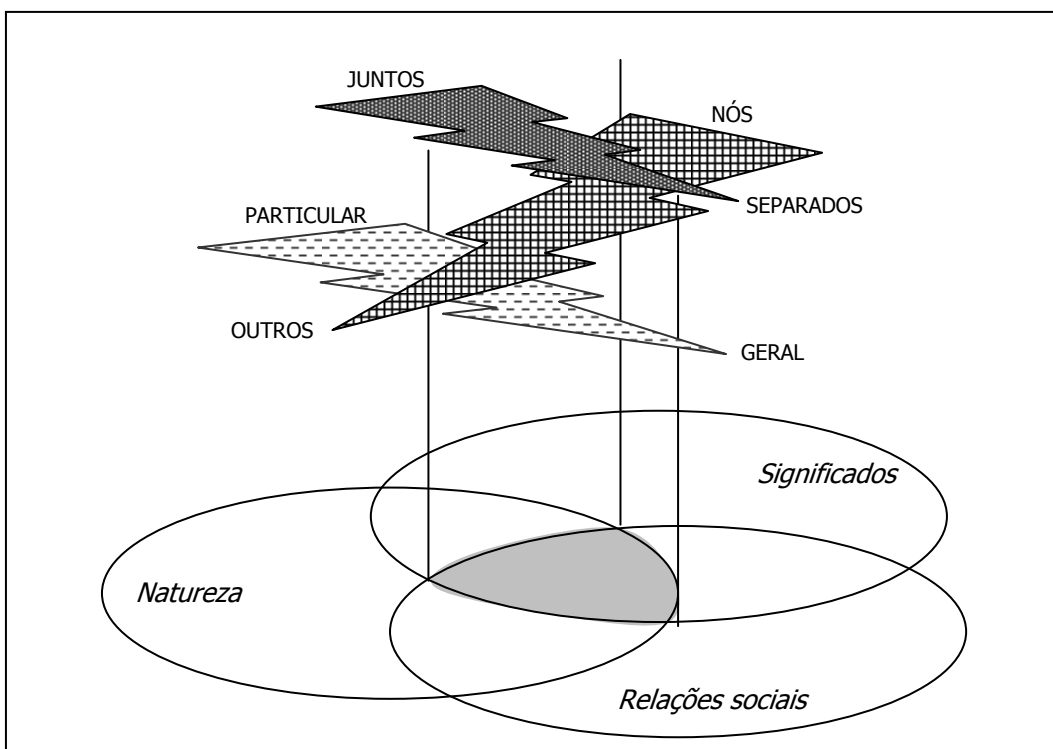
As novas respostas baseiam-se muito na ideia de sistema e nos conceitos de território e de lugar, consoante o nível de concretização e a escala da análise. O espaço surge aqui com um papel pró-activo na construção das relações sociais, entendidas no seu sentido mais amplo.

Os dois esquemas que se seguem enquadram-se numa visão sistémica e ilustram bem a ideia de território mediador e de território protagonista.

### O TERRITÓRIO MEDIADOR



### O TERRITÓRIO ACTIVO



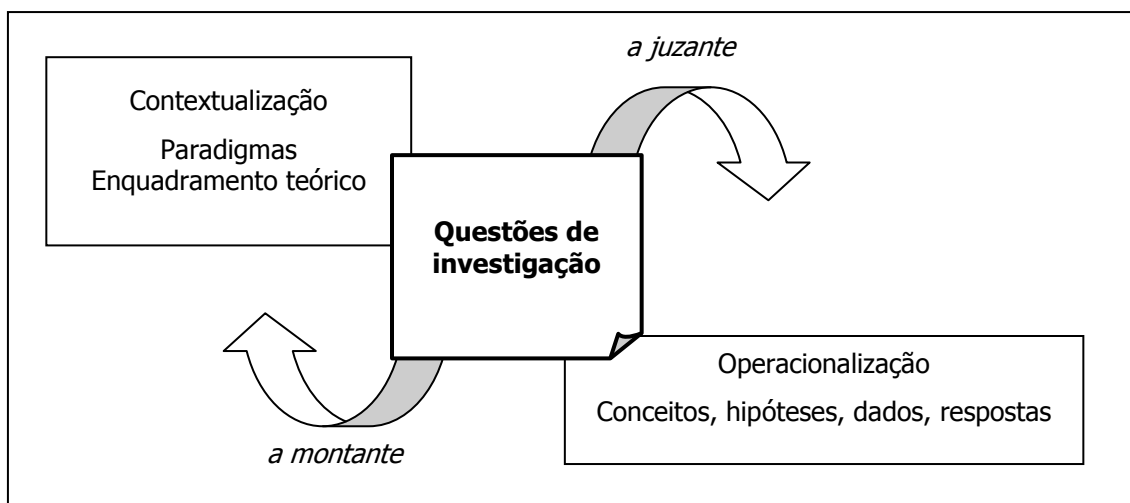
Na leitura de Robert Sack (1992), os lugares configuram-se na conjunção de três forças – natureza, relações sociais e significados – e permitem gerir tensões irreconciliáveis – juntos/separados, nós/outros, particular/geral.

Esta interpretação dos lugares poderia posicionar-se também no campo da terceira questão (relações entre natureza e cultura).

A reflexão sobre as cinco questões apresentadas é um bom ponto de partida para a escolha de um objecto de estudo em Geografia Humana e para a definição de uma questão de investigação capaz de fornecer um sentido à pesquisa.

Antes de se passar à operacionalização das questões de investigação, importa, contudo, contextualizar de modo mais sistemático as cinco questões apresentadas (Richard Peet, 1998) relacionando-as com os paradigmas que têm configurado as ciências sociais e humanas em geral e a Geografia em particular (enunciados do ponto A.3).

### CONTEXTUALIZAÇÃO E OPERACIONALIZAÇÃO DAS QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO



## A CONTEXTUALIZAÇÃO DAS QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

QUESTÕES	PARADIGMAS MAIS FREQUENTEMENTE CONVOCADOS
Medidas, localizações e descrições	Empiricismo –os lugares falam por si, têm alguma coisa a dizer-nos porque contêm a sua própria explicação
As regularidades espaciais	Positivismo - as leis que regem os fenómenos espaciais baseadas em relações de causa efeito  Neo-positivismo – os pressupostos lógicos das regularidades espaciais; a modelização do espaço
Relação entre natureza e cultura	Positivismo – a natureza determina a cultura  Fenomenologia – natureza e cultura estabelecem relações particulares de equilíbrio que conferem significado à paisagem  Existencialismo – o valor simbólico da natureza  Pós-modernismo - os lugares entendidos como narrativas da relação entre natureza e cultura; desconstrução da relação natureza-cultura
Os significados dos lugares	Behaviourismo – os comportamentos espaciais e as decisões que envolvem a espacialidade decorrem do nível de conhecimento e da representação que se tem do território  Fenomenologia – os significados atribuídos aos lugares  Existencialismo – o valor simbólico dos lugares  Pós-modernismo – as interpretações da realidade em diferentes contextos geográficos; os lugares entendidos como narrativas
O território como contexto activo	Marxismo/Estruturalismo – as estruturas económicas, políticas e ideológicas configuram as relações sociais que se manifestam no território; o espaço é um produto das relações sociais  Estruturacionismo – os lugares correspondem a sistemas de mediação entre indivíduos e estruturas  Realismo – o território assume um papel pró-activo na óptica da leitura conjunta de fenómenos/factos (regularidades empíricas) e de processos/estruturas (mecanismos causais)

### A OPERACIONALIZAÇÃO DAS QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

QUESTÕES	ALGUNS CONCEITOS CHAVE	MÉTODOS INSTRUMENTAIS – TÉCNICAS DE RECOLHA E TRATAMENTO DOS DADOS
Medidas, localizações e descrições	Coordenadas geográficas Escala Distâncias absolutas	Observação Geometria Cartografia
As regularidades espaciais	Padrão espacial Distâncias relativas Fluxos Acessibilidade Centralidade	Inquérito por questionário Análise estatística de dados quantitativos Cartografia e SIG
Relação entre natureza e cultura	Região Meio Paisagem	Observação Entrevistas Cartografia
Os significados dos lugares	Paisagem Lugar	Observação Entrevistas Análise de conteúdo
O território como contexto activo	Sistema territorial Lugar Global/local Interação espacial Mobilidade	Inquérito por questionário Entrevistas Análise estatística de dados quantitativos e qualitativos

A operacionalização das questões de investigação configura os pontos seguintes do Programa.



### **B.3. O modelo de análise: problemas, conceitos e hipóteses**

No modelo de análise deve ser definida a orientação da investigação – os instrumentos conceptuais que permitem definir hipóteses e que conduzem o seu desenvolvimento, ou seja, a concretização do projecto.

#### **B.3.1. O ponto de partida de uma investigação em Geografia Humana: um espaço? um fenómeno? uma situação? um processo?**

Qualquer uma das dimensões enunciadas no título, ou a relação entre elas, pode ser o ponto de partida para uma investigação – a questão de partida de um projecto de investigação.

Em primeiro lugar, a questão de partida deve identificar, de forma muito clara, o que se pretende estudar, a que é que se quer responder.

Depois de formulada, a questão de partida deve ser avaliada. Seguindo os critérios propostos por Quivy e Campenhoudt (1998), importa verificar se a questão é:

- Pertinente – corresponde a uma preocupação incluída ou incluível no campo da Geografia Humana? corresponde a um interesse relevante do investigador?
- Precisa – não levanta dúvidas sobre o significado dos termos que emprega?
- De resposta exequível – é possível mobilizar os meios necessários para se obter uma resposta?

## COLOCAR UMA QUESTÃO DE PARTIDA (QP)

Exemplo (objecto de estudo): O futuro da fronteira luso-espanhola

Enunciado da pergunta para a qual se quer encontrar uma resposta através da pesquisa:

*O que favorece e o que dificulta o desaparecimento da fronteira luso-espanhola?*

A QP deve apontar caminhos para a investigação, suscitar outras questões

- *Unidade/diversidade da faixa transfronteiriça*
- *Até onde se faz sentir o efeito da fronteira?*
- *Cooperação transfronteiriça*
- *Políticas de coesão do espaço europeu*

As ideias expressas na QP devem ser claras

*Pode-se falar no desaparecimento da fronteira ou apenas no enfraquecimento?*

*Fronteira luso- espanhola ou minhota-galega, alentejana-andaluza, ...?*

A QP deve indicar o tipo de dados a procurar

*Projectos conjuntos*

*Equipamentos partilhados*

*Mobilidade transfronteiriça (capital, informação, pessoas, ...)*

*Representações da "outra margem"*

A QP deve apontar para um trabalho exequível

*É possível estudar toda a fronteira? Ou só alguns segmentos?*

*Que aspectos se devem privilegiar na pesquisa?*

A QP não pode conter juízos de valor

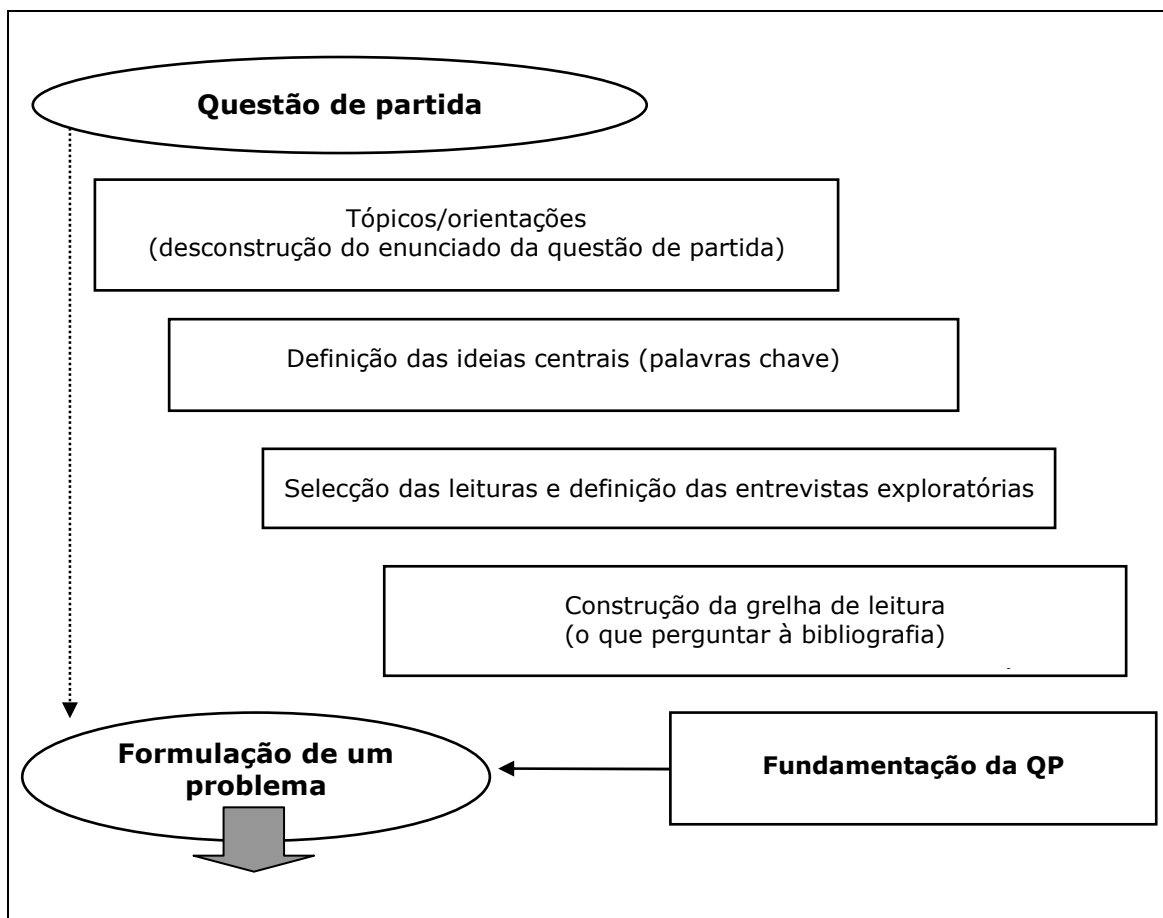
*p.e., "não concordo com o desaparecimento da fronteira porque Portugal tem que se afirmar face à Espanha, tem que defender o seu território"*

### B.3.2. Exploração e problematização da questão de partida

É a fase das leituras. Interessa identificar bem os objectivos da pesquisa bibliográfica: ler o quê? E para quê?

A âncora das leituras é a questão de partida. É ela que ajuda a definir as leituras prioritárias e os aspectos a reter em cada texto. O principal objectivo desta fase é problematizar a questão de partida, o que significa encontrar os seus fundamentos, as ideias que permitam justificar as opções da pesquisa.

#### PROBLEMATIZAR A QUESTÃO DE PARTIDA



Para desenvolver a problematização, importa conhecer o “estado da arte”, ou seja, o que de relevante foi pesquisado em trabalhos anteriores sobre os tópicos em causa.

Por outro lado, as leituras permitem também recolher informação empírica e identificar procedimentos e métodos instrumentais usados noutras investigações.

### ORGANIZAR AS LEITURAS

- ✓ A escolha das leituras é efectuada com base nos tópicos/orientações definidos a partir da QP
- ✓ Evitar a bulimia livresca - seleccionar o fundamental (ler resumos, conclusões)
- ✓ Seleccionar textos que não se limitem aos dados mas que contenham também enquadramento do tema e interpretação dos dados
- ✓ Abarcar diversas abordagens e perspectivas do tema
- ✓ Não esquecer pausas para reflexão individual e colectiva

### CONSTRUIR UMA FICHA DE LEITURA

AUTOR \_\_\_\_\_

DATA \_\_\_\_\_

TÍTULO \_\_\_\_\_

REVISTA/LIVRO \_\_\_\_\_

EDITOR \_\_\_\_\_

CIDADE EDIÇÃO \_\_\_\_\_

TEMA \_\_\_\_\_

<i>COMPONENTES ESTRUTURAIIS</i>	<i>TÓPICOS A RETER</i>	<i>CONTRIBUTO PARA A INVESTIGAÇÃO EM CURSO</i>
PERSPECTIVAS DE ANÁLISE		
HIPÓTESES E ARGUMENTOS		
CONCEITOS		
DADOS E INDICADORES		
MÉTODOS DE ANÁLISE		
INTERPRETAÇÕES DOS DADOS		

Para além das leituras a exploração da questão de partida e a construção da problemática também devem ser apoiadas em observações prévias e em entrevistas exploratórias.

As observações prévias têm apenas como orientação a questão de partida e devem traduzir-se em conjuntos de notas, esquemas, esboços que apoiam a problematização fazendo surgir ideias complementares.

### ANOTAR OBSERVAÇÕES PRÉVIAS

*(Exemplo) O que favorece e o que dificulta o desaparecimento da fronteira luso-espanhola?*

Observação efectuada no dia 6 de Dezembro de 2002 (sexta-feira) em Vila Verde de Ficalho (12h)

- ✓ Várias informações nas lojas e cafés estão escritas em português e castelhano.
- ✓ Estão anunciadas na Junta de Freguesia duas excursões: uma a Sevilha e outra à Costa Vicentina.
- ✓ O canal de televisão em emissão no café da praça central é a TVE.
- ✓ Grupo coral "os arraianos" de Vila Verde Ficalho, Sociedade Recreativa 1<sup>o</sup> Dezembro
- ✓ Um grupo de jovens combina uma ida à discoteca em Rosal de La Frontera no sábado
- ✓ Anúncios de empregos em Espanha afixados em vários cafés
- ✓ .....

Em paralelo com as observações prévias, as entrevistas exploratórias visam:

- ✓ Aclarar alguns aspectos do problema.

- ✓ Desenvolver pistas levantadas pela leitura.
- ✓ Encontrar novas pistas.
- ✓ Começar a definir conceitos e hipótese(s).

Vários tipos de entrevistados podem ser seleccionados para esta fase da pesquisa, nomeadamente investigadores ligados ao tema/questão de partida, testemunhas privilegiadas (dono do café, motorista de táxi, presidente da associação recreativa, ...), pessoas representativas do objecto de estudo (jovens, consumidores, mulheres, ...).

A entrevista exploratória deve ter um guião curto e flexível, ou seja, deve permitir acompanhar o discurso do entrevistado - deixá-lo falar livremente.

Explorada a questão de partida, deve ser explicitada a problemática. De que modo?

#### PRIMEIRO MOMENTO

- ✓ Inventariar as ideias - os dados do problema (identificados através das leituras, observações prévias e entrevistas exploratórias).
- ✓ Efectuar o balanço das diversas abordagens, identificando os vários pontos de vista.
- ✓ Estabelecer ligações e oposições entre os diferentes pontos de vista – convergências e divergências.
- ✓ Identificar as ideias-chave/contributos dos vários pontos de vista.

#### SEGUNDO MOMENTO

- ✓ Definir os objectivos específicos da investigação.
- ✓ Identificar o quadro teórico.

- ✓ Estabelecer relações de causalidade. Causas dos factos sociais (outros factos independentes do primeiro). Sentido dos factos sociais (valores, representações, normas).
- ✓ Compreender os mecanismos que conduzem aos factos (factos-factos, processos – factos, processos – processos, estrutura – processos).
- ✓ Identificar os argumentos e fundamentos da questão de partida.

### **B.3.3. Conceitos chave e dimensões analíticas**

Os conceitos são as peças estruturantes de uma investigação – tornam o objecto de estudo inteligível e coerente, passível de se transformar em conhecimento científico.

"O conceito não é apenas um meio para compreender, mas também uma forma de conceber. Ele organiza a realidade, retendo os caracteres distintivos, significativos dos fenómenos. Ele permite uma primeira triagem no mar de impressões que assola o investigador", Madeleine Grawitz (1993: 332).

Os conceitos podem corresponder a fenómenos/situações, a contextos, a processos ou a estruturas/sistemas, por exemplo:

#### **TIPOS DE CONCEITOS**

<i>Tipo de conceito</i>	<i>Exemplos no domínio da difusão de inovações</i>
Fenómenos	Inovação Barreira
Contextos	Meio inovador
Processos	Difusão Mobilidade
Estruturas/sistemas	Rede de contactos Interacção espacial

Os conceitos chave de uma investigação podem ser decompostos em dimensões de análise de modo a facilitar a sua operacionalização. Tendo como exemplo o conceito de difusão, poderiam definir-se as seguintes dimensões analíticas:

- Emissores/receptores
- Percursos
- Veículos
- Temporalidades/ritmos

A definição rigorosa dos conceitos exige a articulação entre a teoria e os objectos concretos alvo da investigação. A teoria permite compreender o significado de ideias complexas e abstractas (como o próprio objecto central da Geografia - o espaço), identificar os aspectos essenciais de um conceito em função de determinada perspectiva (um lugar não tem associados os mesmos aspectos numa perspectiva neopositivista ou num ponto de vista humanista) e estabelecer relações entre vários conceitos.

A partir da base teórica, pode-se tipificar dois grandes grupos de conceitos:

- ✓ Conceitos descritivos - identificação dos aspectos essenciais do objecto de análise.
- ✓ Conceitos explicativos - identificação dos contributos dados pela teoria para a compreensão do objecto de estudo.

O quadro seguinte - sobre a exclusão social dos imigrantes angolanos - pode servir de exemplo da tipificação dos conceitos.

#### **EXEMPLO DE CONCEPTUALIZAÇÃO**

<i>Aspectos do objecto de estudo</i>	<i>Conceitos descritivos</i>	<i>Conceitos explicativos</i>
Deslocação de pessoas de Angola para Portugal	Migrações internacionais	Desenvolvimento desigual Mobilidade
Dificuldade de conseguir emprego	Integração no mercado de trabalho - barreiras	Exclusão social por via do emprego
Rendimentos insuficientes	Pobreza	Exclusão social por via do consumo



### **B.3.4. Esquematização do modelo analítico e formulação da hipótese**

Definidos os conceitos chave e as dimensões de análise, há que identificar as relações que se estabelecem entre eles no sentido de se configurar a estrutura da investigação e de se formular a hipótese a confirmar ou infirmar.

O modelo analítico da pesquisa identifica as relações que se estabelecem entre os conceitos

- ✓ Como é que o contexto A influencia o processo Y?
- ✓ Como é que o processo Y desencadeia os fenómenos 1 e 2?
- ✓ Que tipo de relação se estabelece entre os fenómenos 1, 2 e 3? E em que contexto se estabelece essa relação?

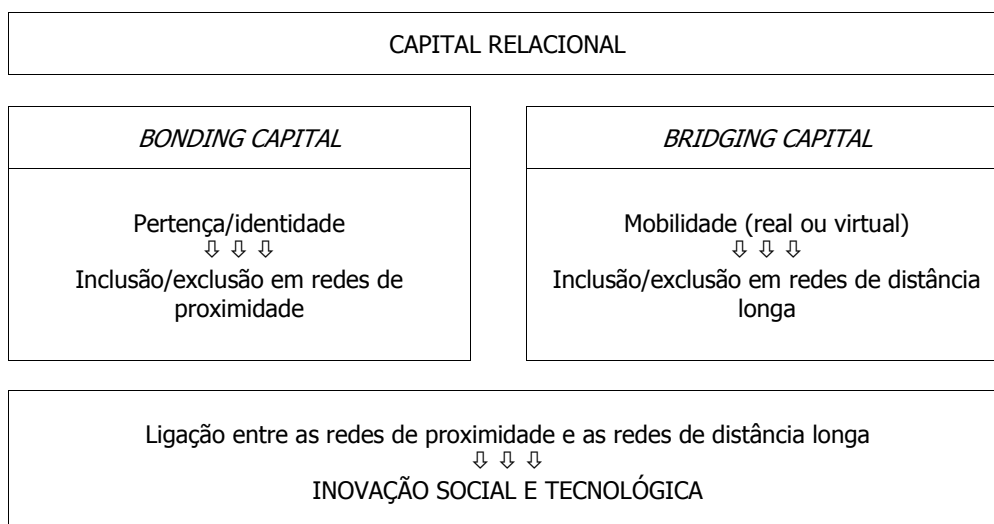
Embora o modelo analítico não tenha que ser apresentado em forma gráfica, considera-se que essa representação, em esquema, facilita bastante a tarefa: "ajuda a contextualizar as ideias e dá expressão a noções abstractas e complexas" (R. Kitchin; N. Tate, 2000: 33).

Para construir o modelo analítico há que responder a um conjunto de três questões encadeadas:

1. Qual a importância relativa/nível hierárquico dos conceitos chave e das respectivas dimensões analíticas?
2. Que contextos (geográficos, culturais, sociais, económicos, políticos, ...) devem ser tidos em conta para situar os conceitos?
3. Que relações se estabelecem entre os conceitos/dimensões analíticas? Como é que os contextos influenciam os processos ou fenómenos explicitados através dos conceitos?

O esquema seguinte exemplifica o enunciado de um modelo de análise de uma pesquisa relativa à ligação entre capital relacional e inovação social.

## CAPITAL RELACIONAL E INOVAÇÃO SOCIAL - ESQUEMA DO MODELO DE ANÁLISE



Estabelecido o modelo de análise, chega um momento particularmente importante da investigação - a formulação da hipótese, ou seja, uma resposta provisória para o problema que se pretende resolver com a pesquisa.

Basicamente, uma hipótese é:

- ✓ Uma resposta provisória à questão de partida/ao problema.
- ✓ Uma antecipação da investigação empírica.
- ✓ Um rumo para a investigação empírica – no sentido de comprovar ou negar a hipótese.

O enunciado mais simples de uma hipótese é:

**"se...** (dados do problema/fundamentos),

**então...**(resposta provisória)"

De acordo com Madeleine Grawitz (1993: 345), embora constituam um domínio de difícil sistematização, as hipóteses diferenciam-se do seguinte modo:

- Hipóteses que supõem a existência de uniformidades ou regularidades.

- Hipóteses que supõem relações lógicas a partir de correlações empíricas.
- Hipóteses que estabelecem relações entre variáveis analíticas.

Comportando sempre uma relação entre conceitos, podem considerar-se vários tipos de hipóteses:

- ✓ Relação entre dois ou mais fenómenos/factos  
(p.e. as práticas de lazer e os equipamentos sócio-culturais nas áreas urbanas e nas áreas rurais)
- ✓ Relação entre fenómenos e representações  
(p.e. a criminalidade e as imagens mediáticas do bairro)
- ✓ Relação entre representações e valores  
(p.e. os *grafittis* e as culturas juvenis suburbanas)
- ✓ Relação entre fenómenos e processos  
(p.e. oportunidades de emprego e mobilidade geográfica dos indivíduos)
- ✓ Relação entre processos  
(p.e. difusão de inovações e interacção espacial)

A hipótese, depois de confirmada, permite atribuir significado aos factos. Salientam-se duas vias de confirmação de hipóteses: através dos dados empíricos ou através dos argumentos lógicos. Na Geografia é especialmente reconhecida a primeira via.

Ao contrário do que se admitiu durante longo tempo, Karl Popper afirma que a verdade não é susceptível de ser demonstrada, apenas a falsidade pode ser comprovada. Esta ideia marca uma nova etapa na evolução do conhecimento científico<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Descartes defendia, no Discurso do Método, que um dos princípios fundamentais para a validação do conhecimento científico era a exaustividade das observações. Este critério, apesar do contributo de Popper, prevalece até à actualidade.

## **C - A OPERACIONALIZAÇÃO DE UM PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO – DADOS, PROCEDIMENTOS E RESULTADOS**

Antes de se dar início à identificação dos dados necessários para a concretização da pesquisa, interessa definir as estratégias de análise que dependem dos objectivos, dos problemas e da hipótese que se pretende confrontar com a realidade empírica.

### **C.1. Estratégias de análise**

Na presença do modelo de análise e da hipótese, a primeira questão que se coloca diz respeito ao modo como se deve operacionalizar a investigação.

#### **C.1.1. Análise sincrónica e análise diacrónica**

É necessário efectuar uma análise evolutiva? De todos os aspectos em causa ou só de alguns? Recuar a análise até que período? Porquê?

#### **C.1.2. Análise prospectiva**

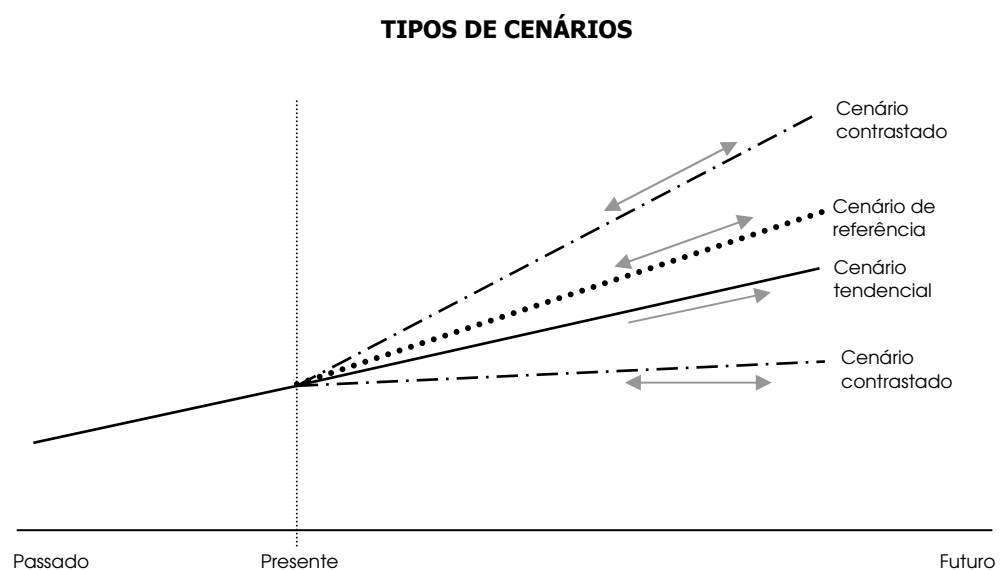
Os objectivos do trabalho incluem, explícita ou implicitamente, uma leitura do presente em função do futuro? Interessa cenarizar os contextos para compreender melhor a interacção das diversas variáveis em jogo?

Construir cenários implica, segundo Michel Godet (1993), seguir um conjunto de grandes linhas orientadoras: colocar as questões correctas (pertinência) e formular hipóteses de futuro consistentes, apreciar a coerência e verosimilhança das tendências

e acontecimentos associados a cada vector constitutivo (coerência e verosimilhança) e, finalmente, assegurar a sua expressividade (transparência).

Salientam-se 6 procedimentos fundamentais do exercício de cenarização:

- a) Identificar os grandes vectores de dinâmica.
- b) Definir as variáveis-chave associadas a cada um dos vectores.
- c) Determinar a evolução tendencial e outras evoluções possíveis de cada uma das variáveis chave.
- d) Concretizar, no contexto em questão, as várias hipóteses de evolução – cenários (tendencial, de referência, contrastado, ...).



- e) Combinar as várias hipóteses e reduzir o campo das evoluções possíveis.
- f) Probabilizar os vários cenários – análise pericial.

Enric Bas (1999: 113) identifica três tipos de cenários:

- Tendencial – o que prolonga as tendências do passado.
- Normativo – o mais provável.
- Utópico – o desejável.

A construção de cenários é um dos métodos da análise prospectiva. Contudo, dada a importância deste tipo de análise em Geografia Humana e especialmente no domínio do planeamento territorial, interessa referir e identificar outros procedimentos metodológicos, enunciados no quadro seguinte.

#### MÉTODOS DA ANÁLISE PROSPECTIVA

<b>Análises prospectivas</b>	<b>Métodos mais utilizados</b>
Actual	Testes experimentais
	Programas de demonstração
Empírica	Simulação
	Sondagem
Lógica	Análise <i>front-end</i>
	Avaliação de riscos
	Análise de sistemas
	Construção de cenários
	Análise antecipatória
De opinião	Método de Delphi
	Análise pericial

Fonte: United States General Accounting Office,  
Program Evaluation and Methodology Division, 1990:22

### **C.1.3. Modelização**

A investigação visa identificar regularidades? Pretende interpretá-las e traduzi-las através de um modelo? A montante da modelização, situa-se a intenção ou a possibilidade de generalizar as conclusões da pesquisa.

O modelo é uma representação simplificada da realidade baseada nas relações pertinentes que se estabelecem entre as principais componentes de um fenómeno, ilustrando a estrutura subjacente. O modelo formaliza uma parcela da realidade de forma a torná-la mais inteligível (Hervé Gumuchian e Claude Marois, 2000).

Em Geografia Humana, a modelização tem sido utilizada principalmente para:

- O estudo de localizações e de padrões espaciais.
- A análise de dinâmicas espaço-temporais.
- A compreensão de processos de difusão.
- O apoio à reflexão e decisão em matéria de ordenamento e gestão do território.

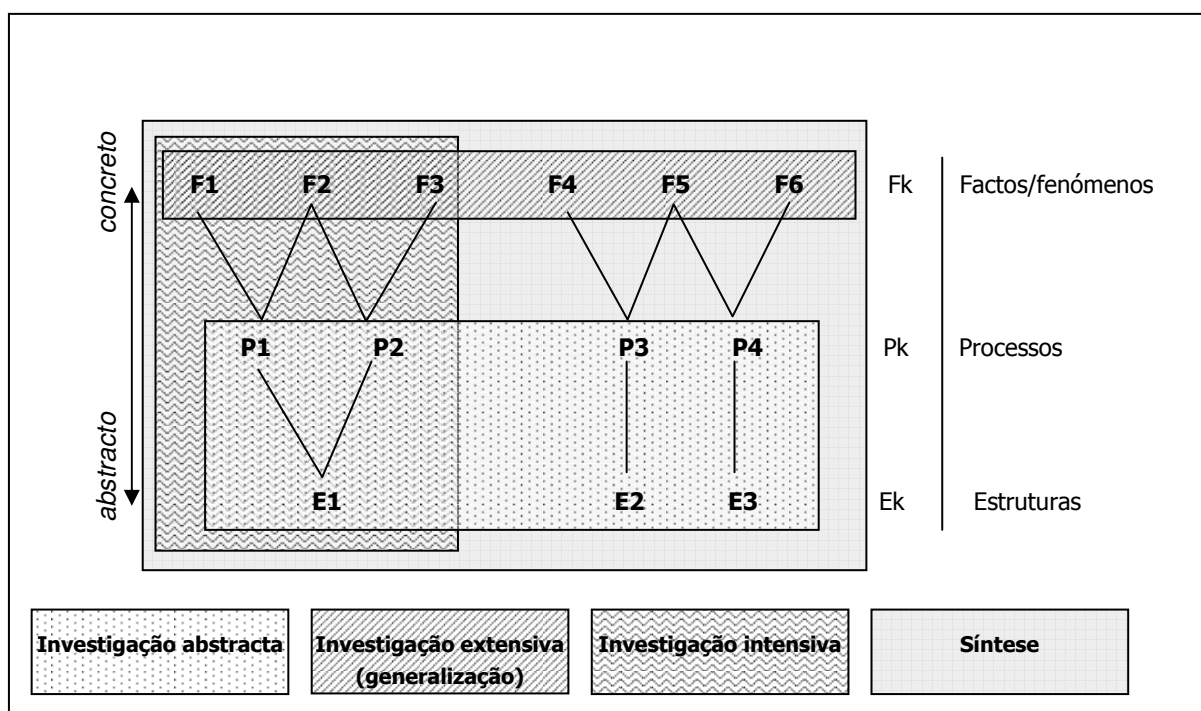
A leitura crítica de diversos modelos que integram o corpo teórico da Geografia Humana, apresentados na primeira fase da licenciatura, constitui um meio adequado para se identificarem as virtualidades e também os riscos da modelização.

A validade de um modelo deve ser apreciada, sobretudo, em função da sua capacidade descritiva, da sua utilidade para se compreender melhor um fenómeno.

### C.1.4. Análise abstracta, extensiva e intensiva

Na óptica do realismo crítico, Andrew Sayer (1992) identifica quatro estratégias principais de investigação em Geografia que se apresentam a seguir de forma esquemática.

#### ESTRATÉGIAS DE INVESTIGAÇÃO NUMA PERSPECTIVA REALISTA



Na investigação extensiva, são analisados conjuntos de fenómenos ou factos tendo como objectivo principal a identificação de padrões ou regularidades.

A investigação abstracta incide especialmente nos processos e nas estruturas, afastando-se da realidade empírica passível de ser directamente observável.

Na investigação intensiva, estudam-se, numa primeira etapa, os processos e/ou estruturas que nos permitem entender, ao nível conceptual, o objecto de estudo e



desenvolvem-se, num segundo momento, estudos de caso que ilustram os resultados da primeira fase.

A síntese consiste, segundo Sayer (1992), na conjugação das três estratégias identificadas anteriormente.

## **C.2. Concretização do modelo de análise**

Escolhida a estratégia de análise, inicia-se a operacionalização do modelo de análise, que corresponde ao conjunto de procedimentos que permitem passar dos conceitos aos dados.

### **C.2.1. Definição de indicadores**

Os indicadores são dados observáveis que permitem apreender as dimensões de um conceito, a presença, a ausência ou o tipo de determinado atributo da parcela de realidade em estudo (Madeleine Grawitz, 1993:336).

#### **CONCRETIZAÇÃO DE UM CONCEITO - A COESÃO TERRITORIAL**

CONCEITO	DIMENSÕES DE ANÁLISE	EXEMPLOS DE INDICADORES
Coesão territorial	Desenvolvimento social	<ul style="list-style-type: none"><li>• Nível de rendimentos</li><li>• Nível de escolaridade</li><li>• Oferta de bens e serviços</li></ul>
	Subsidiariedade	<ul style="list-style-type: none"><li>• Tipo de decisões atribuídas aos vários níveis da administração pública</li></ul>
	Solidariedade	<ul style="list-style-type: none"><li>• Expressão do movimento associativo</li><li>• Acções de combate à exclusão social</li></ul>
	Equidade	<ul style="list-style-type: none"><li>• Disparidades sociais entre homens e mulheres</li><li>• Disparidades sociais entre grupos étnicos</li><li>• Distribuição geográfica dos serviços públicos</li></ul>

### **C.2.2. Construção de indicadores**

Com um indicador pretende-se obter uma medida ou uma classificação. “Este problema tem sido, sobretudo, colocado pelos investigadores das ciências «brandas» que se questionam sobre a natureza, a estabilidade, a pertinência dos atributos dos objectos; o que se mede realmente? O objecto ou alguns dos seus aspectos? Neste último caso, porque se privilegia alguns desses aspectos?” (Antoine Bailly, 1998:45)

Os dados necessários para a construção dos indicadores variam consoante as suas características, podendo-se dividir em dois grandes conjuntos: dados quantitativos, os que correspondem a medidas, e qualitativos, os que correspondem ao significado dos fenómenos ou à ocorrência de determinados atributos.

Por outro lado, os indicadores podem ser construídos a partir de dados gerados anteriormente - dados secundários - ou com base em informação recolhida expressamente para a pesquisa em causa - dados primários.

A classificação de dados/variáveis é um assunto desenvolvido nas disciplinas de análise de dados dos semestres iniciais da Licenciatura em Geografia da FLUL e que, por isso, é retomado aqui apenas na óptica da sua sistematização: variáveis nominais, dicotómicas, ordinais, de intervalo e de razão.

Ainda assim, interessa sublinhar 5 questões chave a colocar a propósito dos dados para a construção de indicadores:

- Período de referência dos dados
- Unidade geográfica de análise
- População-alvo e grupos de referência
- Dados qualitativos ou quantitativos
- Dados relativos ou absolutos

### C.3. Recolha dos dados

Retomando as duas principais estratégias de análise, extensiva e intensiva, apresentadas no ponto C.1.4., pode assumir-se que a sua concretização corresponde a procedimentos diferenciados de recolha de dados. Andrew Sayer (1992) resume assim a concretização das duas estratégias de análise referidas anteriormente:

	ANÁLISE EXTENSIVA	ANÁLISE INTENSIVA
Tipo de grupo a estudar	Grupos taxonómicos	Grupos causais
Relações	Relações formais de semelhança	Relações substanciais de conexão
Tipo de resultado a obter	Generalizações, regularidades - descrição "representativa"	Explicação causal (identificação de processos ou estruturas) sobre a produção de determinados objectos, factos ou acontecimentos que não são necessariamente representativos
Métodos operacionais mais frequentes	Recenseamentos e contagens relativos ao universo em estudo Inquéritos dirigidos a amostras significativas (dados primários ou secundários) - questionários formais ou entrevistas estandardizadas Análise estatística	Estudo de agentes individuais nos seus contextos causais - observação e entrevistas interactivas Análise qualitativa e análise quantitativa de dados qualitativos
Limitações	A mudança de contexto espaço-temporal invalida a generalização Falácia ecológica no estabelecimento de inferências a partir de dados individuais Capacidade explicativa reduzida	Falta de representatividade das respostas Subjectividade acentuada dos dados - duplamente filtrados (quem responde e quem interpreta a resposta)

Adaptado de Andrew Sayer (1992: 243)

Qualquer que seja o método instrumental para a recolha de dados, deve garantir-se que os indicadores cumpram os critérios enunciados a seguir (Olga Nirenberg, Josette Brawerman, Violeta Ruiz, 2000: 160-161):

- Validade – o indicador deve realmente referenciar o que procura medir ou apreciar.
- Confiabilidade – perante as mesmas circunstâncias, o valor do indicador não deve variar.
- Especificidade – o indicador deve contemplar apenas o aspecto a que se refere.
- Sensibilidade – o indicador deve permitir registar mudanças.
- Representatividade – o indicador deve ser adequado a todos objectos/individuos que pretende cobrir.

### **C.3.1. Observar**

A observação tem sido frequentemente apontada como o método instrumental específico da Geografia. Orlando Ribeiro referia mesmo que "a operação fundamental de toda a Geografia é a observação directa e o tratamento, a várias escalas, dos dados que ela ministra; o inquérito e a colecta de elementos numéricos, criteriosamente utilizados, devem completar e esclarecer a observação" (1986: 22). Essa ideia concretizava-se numa série de requisitos que Orlando Ribeiro considerava imprescindíveis à profissão de geógrafo, tais como o gosto pelo ar livre e por grandes marchas, a independência em relação ao conforto, o treino do escutismo, da caça ou da pesca (1942: 14).

A insistência nas virtualidades da observação em Geografia não se traduziu, contudo, na sistematização de procedimentos de apoio a essa tarefa. Por isso, quando se pretende definir um conjunto de normas capazes de orientar o exercício da observação, recorre-se à antropologia e à etnografia, disciplinas que, nas últimas décadas, desenvolveram e aplicaram significativamente as técnicas de observação.

Precisamente porque as fontes se situam no campo dessas disciplinas, a maioria da bibliografia foca a observação dos comportamentos das pessoas, centrada em dois objectivos principais:

- ✓ Conhecer os significados das acções.
- ✓ Compreender os valores e princípios que conduzem à acção.

Contudo, à Geografia Humana interessa especialmente a observação das paisagens e dos lugares, o que significa saber ler, através do espaço (como se de um texto se tratasse), os comportamentos individuais e colectivos, as práticas sociais, culturais, económicas ou políticas.

No exercício de observação, distinguem-se dois procedimentos ligados a diferentes etapas da investigação:

- a) A observação preliminar, que visa identificar ou concretizar questões relevantes para a pesquisa.
- b) A observação sistemática, que visa a comprovação das hipóteses.

#### TIPOS DE OBSERVAÇÃO

	<b>OBSERVAÇÃO EXTERIOR</b> O observador não se envolve com os observados	<b>OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE</b> O observador envolve-se com os observados
<b>OBSERVAÇÃO ABERTA</b>  Os observados sabem que estão a ser observados	Ex. As actividades de um grupo de crianças a brincar - utilização do espaço do recreio  As crianças sabem que o investigador está a trabalhar e vão falando com ele	Ex. Identificação das relações de trabalho numa empresa - as diferenças de género  O investigador é durante algum tempo trabalhador da empresa  Os "colegas" sabem que se trata de uma investigação
<b>OBSERVAÇÃO FECHADA</b>  Os observados não sabem que estão a ser observados	Ex. As práticas dos visitantes de uma exposição  O investigador é o guarda da exposição	Ex. Os comportamentos de um grupo de turistas numa excursão  O investigador é um dos excursionistas e os outros não sabem da investigação

Adaptado de Rob Kitchin e Nicholas Tate, 2000: 220.

Os resultados da observação podem ir desde uma lista - *checklist* (de factos, acontecimentos, comportamentos, emoções, ...) até uma descrição detalhada - narrativas. Podem assumir também formas intermédias.

Quando se observa um espaço, há que preparar uma ficha de observação - questões com resposta fechada (categorias) ou aberta sob a forma de texto ou de esquema. Apresenta-se a seguir um exemplo de uma ficha de observação dos comportamentos dos visitantes de uma exposição.

### FICHA DE OBSERVAÇÃO - OS VISITANTES DE UMA EXPOSIÇÃO

Edifício _____	Sala _____	Observação _____
Ano _____	Mês _____	Dia _____
		Hora _____

Criança	
Jovem	
Adulto	
Idoso	

Mulher	
Homem	

Tempo de permanência na sala - \_\_\_\_\_ minutos

Trajeto (assinalar o percurso da pessoa na sala com uma linha)

Tempo de permanência em cada núcleo expositivo:

___ min.	___ min.	___ min.	___ min.	___ min.	___ min.

Na concepção da ficha de observação, deve assegurar-se o cumprimento dos seguintes princípios:

- ✓ Relevância das categorias (questões da investigação).
- ✓ O preenchimento da ficha não deve exigir interpretações complexas.
- ✓ As categorias pré-definidas cobrem todos os comportamentos possíveis.

Embora dirigida ao comportamento espacial, continua, contudo, a tratar-se da observação de pessoas. A observação efectuada na óptica da narrativa pode ser um contributo útil e mais abrangente para as investigações centradas nos lugares. Na narrativa, devem definir-se, à partida, um conjunto de tópicos como se se fosse efectuar um inquérito ao objecto/lugar observado:

- ✓ Onde e quando
- ✓ Unidade/diversidade do(s) espaço(s)
- ✓ Objectos - elementos físicos
- ✓ Actores - pessoas envolvidas
- ✓ Actividades
- ✓ Acções
- ✓ Acontecimentos - ocasiões especiais
- ✓ *Timings* - sequência de acções, actividades, acontecimentos, ...
- ✓ Motivos/razões para (interpretação do observador)
- ✓ Sentimentos/emoções (interpretação do observador)

Um bar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pode ser o objecto para exemplificar o guião de uma narrativa:

- a) Que tipo de actividades se desenvolvem no bar?
- b) O espaço condiciona/dirige o comportamento das pessoas? Como?

- c) Como é que as pessoas usam o espaço?
- c.1) Que intenções parece terem? Como as expressam?
  - c.2) Como é que comunicam ou evitam a comunicação?
  - c.3) Olham umas para as outras?
  - c.4) Que distância mantêm entre si?
- d) O bar funciona como espaço de cooperação? De que forma?
- e) Alguns actores são marginalizados? Quem? Porquê?
- f) As actividades dependem do tipo de grupo em que as pessoas estão inseridas? Como?
- g) Existe "choque" entre os vários tipos de actividades que se desenvolvem no bar?

### **C.3.2. Perguntar**

Identificam-se 3 grandes tipos de entrevista, o primeiro dos quais se costuma designar por inquérito.

- Entrevista estruturada de resposta fechada (inquérito)

- As respostas correspondem a categorias pré-definidas
- O questionário é a base para a análise dos dados
- A maior limitação reside na rigidez na resposta

Alguns dos procedimentos a desenvolver para a realização de um inquérito, designadamente os que se ligam à representatividade da amostra - são incluídos na matéria das disciplinas de carácter metodológico dos anos iniciais da licenciatura em Geografia da FLUL. Por esse motivo, no âmbito deste seminário cabe apenas a realização de um balanço crítico.



- Entrevista estruturada de resposta aberta

- as questões são postas por uma ordem fixa e a sua formulação não pode variar
- o questionário é a base para a análise dos dados
- a maior limitação reside na rigidez na pergunta – o entrevistado não pode falar de outros temas

- Entrevista semi-estruturada

- o guião corresponde a uma lista de tópicos com ordem e formulação variáveis
- a maior limitação reside na comparabilidade das respostas
- ex. histórias de vida – identificação dos elementos e momentos de referência

Seja qual for o tipo de entrevista a realizar, há que definir rigorosamente a população alvo, ou seja, o universo de indivíduos ou entidades sobre o qual incide a análise. Desse universo, irá sair posteriormente o conjunto dos entrevistados que podem ou não constituir uma amostra estatisticamente representativa do todo. Em muitos casos, é suficiente para a investigação a utilização de uma amostra qualitativa. Não permite generalizar os resultados obtidos, mas auxilia a compreensão de processos, de atitudes ou de comportamentos. Quando se opta pela realização de entrevistas com questões de resposta aberta (guião estruturado ou semi-estruturado) raramente se usam amostras estatisticamente representativas.

#### IDENTIFICAÇÃO DA POPULAÇÃO ALVO - EXEMPLOS

Objectivos	População alvo
Identificação dos factores que diferenciam as práticas contraceptivas dos jovens antes do casamento na Área Metropolitana de Lisboa	Homens e mulheres residentes na Área Metropolitana de Lisboa, solteiros, com idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos, que já tenham tido relações sexuais
Avaliação da importância atribuída à cultura nas políticas autárquicas no Alentejo	Presidentes das Câmaras Municipais, vereadores com o pelouro da cultura e presidentes das Juntas de Freguesia do Alentejo

No domínio da construção do guião da entrevista ou do questionário, os itens contemplados no livro de William Foddy (1996) "Como perguntar" traduzem bem as preocupações que devem estar presentes na concepção dos vários tipos de entrevistas.

a) No âmbito dos tópicos

- Está claramente definida a informação que se pretende obter?
- Os entrevistados possuem a informação solicitada e são capazes de a transmitir?

b) No âmbito da formulação das perguntas

- Os termos utilizados são facilmente compreendidos pelo entrevistado?
- A pergunta aponta um sentido claro?
- A pergunta não sugere uma determinada resposta?
- A pergunta não se refere a um contexto demasiado específico?

c) No âmbito das respostas

- Em que casos se podem utilizar respostas fechadas?
- Nos casos de resposta fechada, as modalidades definidas abrangem todas as possibilidades? e não se sobrepõem?
- A resposta, especialmente nos casos em que assume um cariz factual, é compatível com um esforço de memória aceitável?

### TIPO DE DADOS A OBTER COM ENTREVISTAS

TIPOS DE DADOS	Exemplos - entrevista dirigida a uma pessoa enquanto membro de uma comunidade local	Exemplos - entrevista dirigida a instituição de solidariedade social
BIOGRÁFICOS	idade sexo rendimento instrução profissão (...)	data de fundação número de sócios sector de actividade estatuto jurídico (...)
PRÁTICAS	actividades desenvolvidas ao longo do dia meios de transporte utilizados (...)	acções de formação existência de voluntariado (...)
COMPORTAMENTOS E ATITUDES	religião convicções políticas (...)	relação estabelecida com os empregados ligações internacionais (...)
REPRESENTAÇÕES	identidade geográfica o lugar ideal para férias o significado simbólico da União Europeia (...)	as formas de concretização da solidariedade social o perfil psicológico dos utentes (...)
OPINIÕES	a instalação de um novo hipermercado a ajuda de Portugal a Timor (...)	as fontes de financiamento das instituições de solidariedade social o papel social das instituições de solidariedade social (...)

O guião ou questionário deve ser organizado segundo as grandes categorias de dados que inclui e deve dar origem à grelha da base de dados a construir com a informação que vai ser recolhida.

Para além da definição do tipo de entrevista a efectuar, da definição da população alvo e da concepção do guião ou questionário, há ainda um outro aspecto a considerar, relativo à realização da entrevista. Neste âmbito, importa salientar um conjunto de

procedimentos a cumprir pelo entrevistador que podem contribuir decisivamente para o rigor dos dados que se estão a recolher, nomeadamente:

- Não emitir opinião pessoal sobre os assuntos em questão.
- Adaptar a sua linguagem às características do entrevistado.
- Dizer ao entrevistado quem é e quem representa, o que está a ser feito – para que serve a entrevista, como foi escolhido o entrevistado.
- Ouvir atentamente as respostas.
- Garantir a confidencialidade das respostas.

### **C.3.3. Análise *focus group***

A análise *focus group*, crescentemente utilizada nas ciências sociais, aplica-se especialmente nos casos em que os dados a obter correspondem a expectativas, representações ou opiniões.

Este método operacional concretiza-se através de uma entrevista em grupo que visa, sobretudo, levar os entrevistados não só a exporem os seus pontos de vista, mas também a interagirem, avançando argumentos para defender as suas ideias. O segundo aspecto é o que confere mais-valias à análise *focus group* por comparação com os outros formatos de entrevista.

Na realização da análise *focus group* devem ser assegurados os seguintes procedimentos:

- Os grupos de entrevistados devem incluir 6 a 12 pessoas, para que a interacção pessoal seja possível e todos possam apresentar os seus pontos de vista e argumentos.
- Deve-se procurar seleccionar pessoas que tenham pontos de vista diferentes, mas não tão antagónicos que gerem tensões inultrapassáveis.
- O papel do moderador centra-se na apresentação do tema em análise e na promoção do debate e da interacção.

### ORGANIZAÇÃO DE UMA SESSÃO FOCUS GROUP

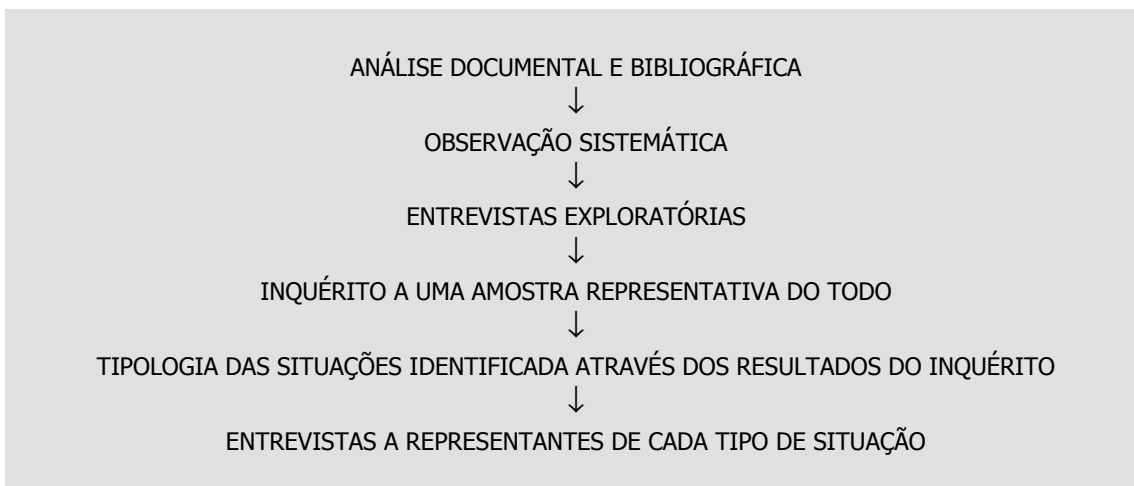
ETAPAS	CONTEÚDOS	TIMING
1 - Apresentação do tema em debate	As questões que motivam a sessão (3-4 questões) Slide show	15 min.
2 - Os pontos de vista presentes	A opinião de cada um dos participantes sobre as questões em discussão Volta à mesa	45 min. a 60 min.
Intervalo (convidados)	<i>Coffee break</i> – promoção da interacção	20 min.
3 - Identificação dos pontos chave emergentes na etapa 2 (moderador)	(durante o intervalo) A partir das opiniões expressas pelos participantes são identificados os principais pontos de concordância e discordância	20 min.
4 - Apresentação dos pontos de concordância e discordância	É apresentada uma síntese das opiniões dos participantes em que se evidenciam os pontos de concordância e discordância (3-4 pontos)	15 min.
5 - Os argumentos dos participantes	É solicitado aos participantes que defendam os pontos de vista que expressaram anteriormente.  Fazendo pequenas intervenções provocatórias, o moderador procura desencadear a interacção de forma a fazer emergir os argumentos dos participantes	90 min.
Intervalo	<i>Coffee break</i>	20 min.
6 - As sugestões dos convidados	Relativamente a cada uma das questões em discussão, os convidados apresentam as suas sugestões no sentido da obtenção de melhores resultados  (As sugestões podem ser debatidas)	30 min.  (30 min.)

#### C.3.4. Estudo de casos

O estudo de casos tornou-se muito frequente nas ciências sociais, mas também noutros domínios científicos, nos últimos anos. Constituirá, de facto, um método operacional inovador em Geografia Humana? Ou corresponde, em termos gerais, à monografia de um lugar ou de uma região?

Por um lado, o estudo de casos segue um percurso, em larga parte, coincidente com o da realização de monografias, designadamente porque se refere a um objecto concreto que se procura conhecer nas suas diversas dimensões constitutivas desenvolvendo-se, com esse propósito, um conjunto de procedimentos complementares e encadeados.

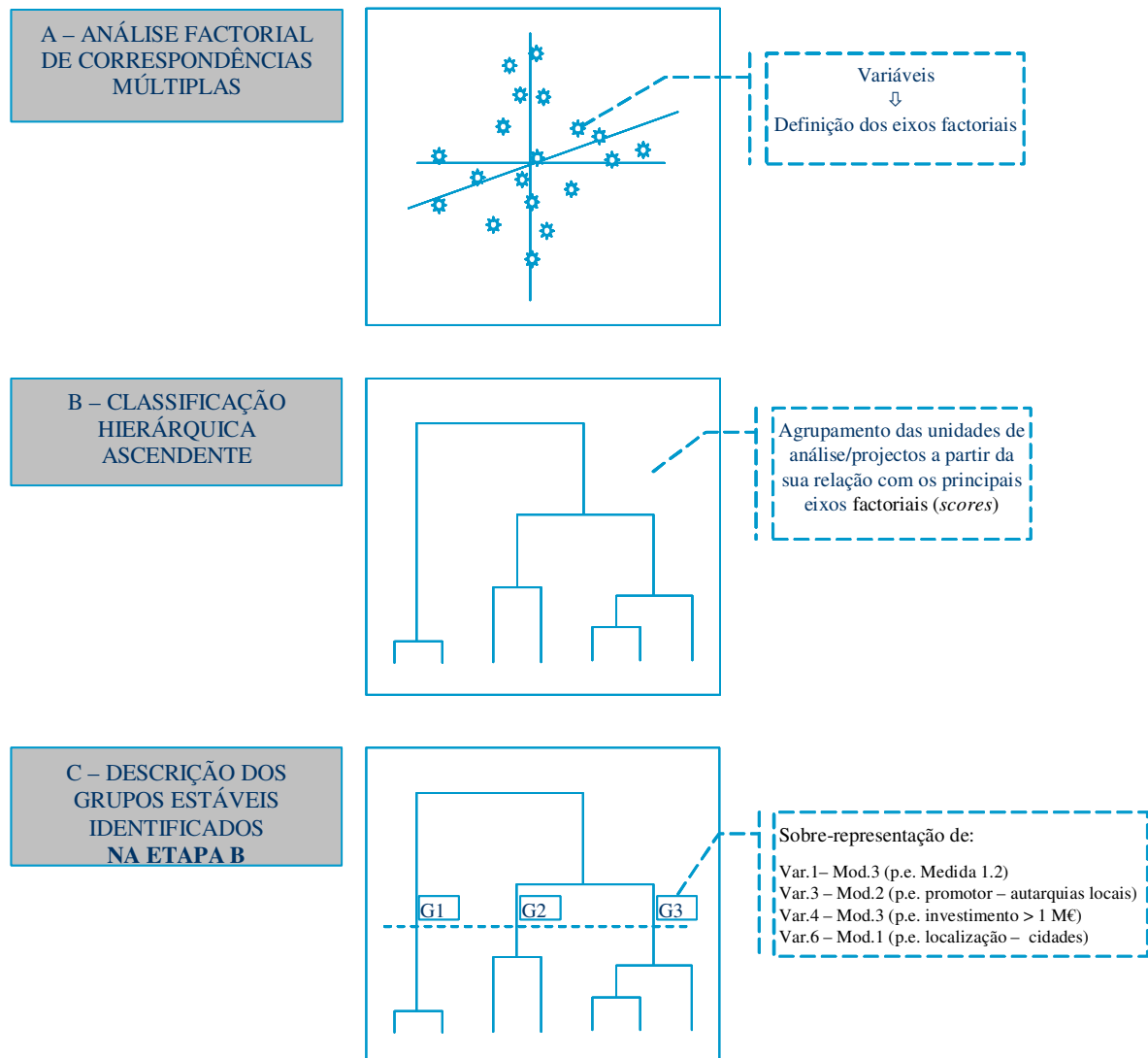
A seguinte sequência concretiza, a título de exemplo, esse conjunto de procedimentos:



Por outro lado, o estudo de casos em Geografia Humana, tal como tem sido entendido nos anos mais recentes, insere-se num percurso metodológico que se afasta bastante das monografias tradicionais, na medida em que surge como uma estratégia de análise intensiva subsequente a uma investigação extensiva, ou seja, como um modo de aprofundar determinadas questões de pesquisa, especialmente como um meio para compreender os processos que configuram os fenómenos ou factos.

Para concretizar esta concepção, pode ver-se, por exemplo, as dissertações de doutoramento de Mário Vale, 1999 (o sistema AutoEuropa é explicitamente apresentado como caso de estudo da geografia da indústria automóvel) e de Jorge Macaísta Malheiros, 2001 (no capítulo de apresentação do modelo analítico, é referido que se pretende identificar casos de estudo que "correspondam a metrópoles onde os imigrantes e as minorias tenham um peso significativo e que, pelo menos, uma parte destas populações se identifique com as características das comunidades transnacionais" p.108).

Justificada a necessidade de desenvolver estudos de caso, coloca-se outra questão relevante: como seleccionar os casos na sequência de uma análise extensiva? O esquema seguinte ilustra uma opção possível.



Este procedimento implica o tratamento multi-etápico da informação de base, de modo a obter uma síntese que apoie a interpretação, assunto que é desenvolvido no ponto seguinte do programa.

#### **C.4. Tratamento dos dados**

Como já foi referido anteriormente, na licenciatura em Geografia da FLUL, o tratamento dos dados tem sido, pelo menos desde os anos 70, matéria com uma expressão significativa nos diversos currículos.

Tanto o tratamento estatístico como o tratamento gráfico e cartográfico têm sido objecto de diversas disciplinas, razão pela qual se justifica que, no âmbito deste programa, se proceda apenas a uma sistematização e balanço de alguns procedimentos, em especial dos mais adequados a dados de carácter qualitativo, menos contemplados noutras cadeiras.

No tratamento de dados qualitativos, distinguem-se três procedimentos principais:

- Organização dos dados - que corresponde à concepção e construção da base de dados.
- Classificação e codificação dos dados - procedimento que surge em várias fases do percurso e que visa a definição de modalidades e categorias coerentes e significativas.
- Análise dos dados – descrição, comparação, relação (bivariada e multivariada) e tipificação da informação recolhida.

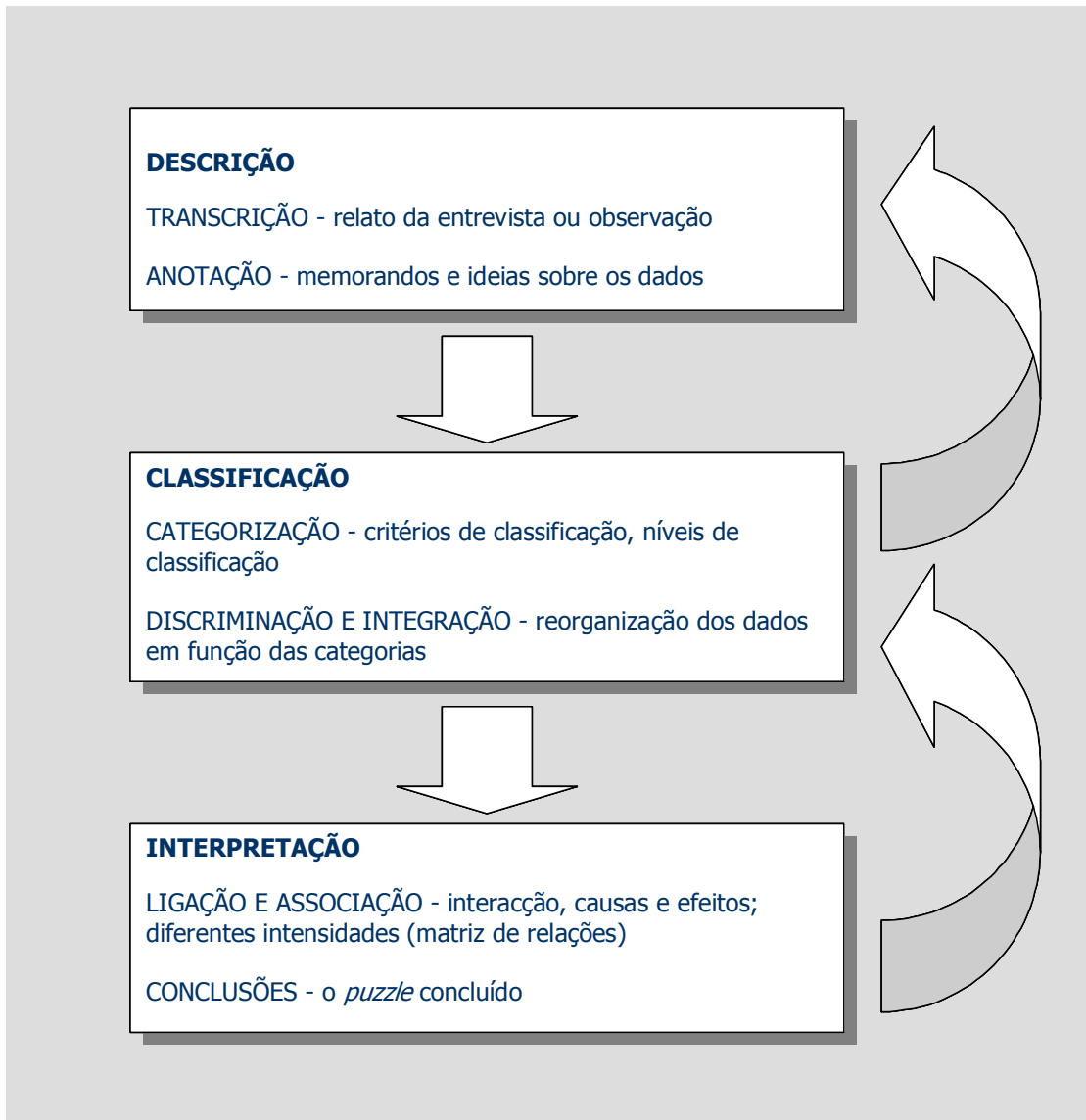
As operações específicas a desenvolver no âmbito de cada um desses procedimentos são necessariamente definidas em função do tipo de dados, mas principalmente do modelo de análise e das hipóteses que se está a tentar comprovar. Só assim se assegura que os dados "digam" alguma coisa relevante sobre o que se pretende saber. Ao contrário do que frequentemente se ouve, os dados não falam por si!

A análise de dados qualitativos pode recorrer à estatística, mas pode também ser efectuada por meio de outras técnicas, entre as quais se destaca a análise documental e a análise de conteúdo.



No âmbito das análises que não recorrem à estatística (*qualitative approaches*), Rob Kitchin e Nicholas Tate (2000) sugerem uma análise de dados tri-etápica que se apresenta no esquema seguinte.

#### ETAPAS DO TRATAMENTO DOS DADOS



Adaptado de Rob Kitchin e Nicholas Tate (2000: 234)

Estes procedimentos aplicam-se, por exemplo, bastante bem à análise de conteúdo de entrevistas estruturadas.

## CONSTRUÇÃO DE GRELHAS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DE ENTREVISTAS

### A) DESCRIÇÃO

Organização da informação em tabelas

1. Organizada por entrevistado - todas as respostas de um entrevistado

Questão	Entrevistado	Respostas
1	AMM	
2	AMM	
3	AMM	
4	AMM	
...	AMM	

2. Organizada por questões - respostas dadas pelos entrevistados a uma determinada questão

Questão	Entrevistado	Respostas
1	AMM	
1	PRM	
1	FJM	
1	JFM	
1	....	

### B) CLASSIFICAÇÃO

Dados relativos aos indicadores que estruturam o guião da entrevista

Questão	Entrevistado	Leitura das respostas
1	AMM	As unidades de registo usadas no tratamento das entrevistas correspondem a períodos gramaticais - unidades semânticas.
1	PRM	
1	FJM	
1	JFM	
1	....	No caso de um mesmo período se referir a diversas dimensões ou subdimensões analíticas, procede-se à sua repetição ou, nos casos em que isso é possível, à sua fragmentação em sub-unidades de registo

Questão	Entrevistado	Análise geral das respostas
1	AMM	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Ideias recorrentes</li> <li>✓ Ideias particulares analiticamente relevantes</li> <li>✓ Contradições</li> <li>✓ ...</li> </ul>
1	PRM	
1	FJM	
1	JFM	
1	....	

Questão	Entrevistado	Análise específica das respostas – categorização (conceitos/domínios de análise)
1	AMM	p.e. <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Tipos de interacção</li> <li>✓ Capacidade de decisão</li> <li>✓ Nível de participação</li> <li>✓ ....</li> </ul>
1	PRM	
1	FJM	
1	JFM	
1	....	

### C) INTERPRETAÇÃO

Organização dos dados dos vários indicadores em função da hipótese que se está a tentar comprovar

Interpretação das respostas	Resultados da análise
Associação por causalidade	
Interacção – relação de sentido duplo	
Relações explícitas e implícitas	
Relações externas	
Matrizes de interpretação	
....	

Enuncia-se a seguir um conjunto de procedimentos frequentemente utilizados na investigação em Geografia Humana (Manuela Hill, Andrew Hill, 2000; Guy Robinson, 1998).

Na óptica da descrição e resumo dos dados categoriais podem ser aplicadas:

- Tabelas de frequência das categorias – absolutas, relativas e cumulativas.
- Tabelas de contingência – cruzamento entre as várias categorias de duas variáveis expresso de modo absoluto ou relativo em função da variável A ou da variável B.

Na óptica da comparação e relação de variáveis ou das unidades de análise:

a) Análise bivariada

- Teste de qui quadrado/teste exacto de Fisher – avaliação da associação entre duas variáveis e do nível de significância da diferença entre as frequências observadas e esperadas das categorias de duas variáveis.
- Coeficiente de correlação de Spearman – avaliação do grau de relação entre duas variáveis ordinais.

b) Análise multivariada

- Análise de regressão logística – relação de uma variável dependente com um conjunto de variáveis independentes.
- Análise factorial de correspondências múltiplas – síntese das relações que se estabelecem entre um conjunto alargado de variáveis através da definição de factores.
- Análise de classificação hierárquica (dendrograma) – estabelecimento de tipologias através da ligação (proximidade) entre variáveis ou entre unidades de análise.

A adequação de cada um dos procedimentos estatísticos enunciados, bem como as suas vantagens e desvantagens em situações concretas serão apreciadas com os alunos utilizando, como casos ilustrativos, os projectos de investigação desenvolvidos no seminário (ver capítulo sobre avaliação).

### **C.5. Resultados da investigação - o que dizem os dados?**

Perante os dados já analisados, e porque estes não falam por si, há que percorrer o caminho inverso daquele que conduziu à definição dos indicadores.

- Que conclusões se podem retirar sobre cada um dos indicadores? De que modo se concretizaram?
- O que se ficou a saber sobre cada uma das dimensões de análise?
- Os novos dados do problema permitem efectuar uma releitura dos conceitos chave? Em que sentido?
- Os novos dados do problema permitem conhecer com maior profundidade as relações entre os conceitos e as suas ligações com os aspectos contextuais? Qual a sua mais-valia da análise empírica efectuada?

Finalmente, após o longo percurso de uma investigação, chega-se ao ponto crucial: a hipótese comprova-se ou não?

Se a hipótese não se comprova, o percurso da investigação não está a chegar ao fim, é necessário reavaliar a hipótese e todos os procedimentos metodológicos que antecedem a sua formulação.

Se a hipótese se confirma, a investigação terminou.

Mas, antes de desligar o computador, convém reflectir sobre dois ou três aspectos.

- Se se iniciasse novamente a investigação o que se faria de modo diferente?  
Porquê?
- Que alternativas metodológicas se foram abandonando ao longo do percurso?
- As conclusões da investigação remetem para novas questões? Quais são?



## VI - AVALIAÇÃO

---

Cada vez mais, a avaliação é entendida como uma componente importante do processo de aprendizagem, afastando-se progressivamente da noção de mera seriação/classificação dos alunos para se aproximar do conceito de balanço crítico de projectos e acções e mesmo para se constituir como instrumento do saber.

Esta perspectiva corresponde a um avanço pedagógico significativo, na medida em que permite que os agentes envolvidos na relação de docência - professores e alunos - desenvolvam uma efectiva interacção no sentido de promoverem as suas competências a partir do balanço que realizam sobre um percurso que efectuem em conjunto e sobre os novos saberes que se foram constituindo.

Nesta óptica, e partindo do princípio que a disciplina de Metodologia de Investigação em Geografia Humana assume o formato de Seminário a decorrer no último ano da licenciatura em Geografia da FLUL, defende-se a realização de 2 tipos de avaliação: uma relativa à unidade curricular e outra dirigida ao desempenho dos alunos.

A **avaliação da unidade curricular** é efectuada, por um lado, por aqueles a quem ela se dirige - os alunos - e, por outro, pelo docente que concebe as aulas e que estabelece uma determinada relação de docência.

A operacionalização deste tipo de avaliação remete para o preenchimento e análise de uma ficha de apreciação que inclui os seguintes tópicos:

- a) Organização e estratégias, pedagógicas e didácticas, da unidade curricular.
- b) Gestão das aulas, designadamente ao nível da interacção, da comunicação e da participação.
- c) Relevância e adequação dos conteúdos programáticos.
- d) Aprendizagens cognitivas e promoção de atitudes e competências no campo da investigação científica.



A **avaliação do desempenho dos alunos** é de carácter contínuo e ancorada em elementos de apreciação diversificados. A configuração destes elementos responde aos propósitos enunciados na parte inicial deste programa, que visam nomeadamente a promoção de: (i) espírito reflexivo; (ii) atitudes críticas através do debate de ideias e de concepções; (iii) procedimentos autónomos e capacidade de decisão; (iv) desenvolvimento de argumentação fundamentada.

Na óptica dos objectivos que se pretende atingir, a avaliação é centrada no desenvolvimento de um projecto individual de investigação em Geografia Humana. No quadro seguinte identificam-se os elementos de avaliação e o seu formato.

#### **ELEMENTOS DE AVALIAÇÃO**

<b>Elementos</b>	<b>Formato</b>
Identificação e justificação do objecto de estudo	Apresentações orais na aula e entrega do guião da apresentação
Questão de partida e pistas para a exploração	
Síntese dos resultados da exploração	
Apresentação do problema e da perspectiva teórica da investigação	
Conceitos chave, formulação e fundamentação da hipótese	
Plano da recolha de informação	
Instrumentos de recolha dos dados	
Plano do tratamento dos dados	
Discussão sobre a adequação das técnicas utilizadas	
Trabalho final	
Discussão do trabalho final	Prova presencial

## VII - BIBLIOGRAFIA

---

A bibliografia referenciada a seguir não é, de forma alguma, exaustiva. Corresponde a um conjunto de textos seleccionados no sentido de orientar os alunos nas suas pesquisas. Aliás, num momento em que a Internet permite obter, nalguns minutos, listagens com milhares de referências bibliográficas sobre os temas mais específicos, parece à autora que um programa de uma disciplina deve contemplar apenas a bibliografia considerada fundamental.

### **Bibliografia básica**

Brunet, Roger (1997) - *Champs & Contrechamps*, Raisons de Géographe, Ed. Belin, Paris.

Capel, Horacio (1991) - *Filosofía y Ciencia en la Geografía Contemporánea*, Ed. Barcanova, Barcelona .

Cloke, Paul; Crang, Philip; Goodwin, Mark (ed.) (1999) – *Introducing Human Geographies*, Arnold Publishers, Londres.

Grawitz, Madeleine (1993) - *Méthodes des Sciences Sociales*, Ed. Dalloz, Paris.

Gumuchian, Hervé; Marois, Claude (2000) - *Initiation à la Recherche en Géographie - Aménagement, Développement Territorial, Environnement*, Ed. Economica e Les Presses de l'Université de Montréal, Paris e Montréal.

Kitchin, Rob; Tate, Nicholas (2000) - *Conducting Research into Human Geography*, Prentice Hall, Londres.

Peet, Richard (1998) – *Modern Geographical Thought*, Blackwell Publishers, Oxford.

Quivy, Raymond; Campenhoudt, Luc (1992) - *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva, Lisboa.

Robinson, Guy (1998) - *Methods & Techniques in Human Geography*, John Wiley & Sons, Chichester.

### **Bibliografia sobre os princípios orientadores da investigação**

Bachelard, Gaston (2001) – *A Epistemologia*, Edições 70, Lisboa.

Bassett K. (1999) - "Is there progress in human geography? The problem of progress in the light of recent work in the philosophy and sociology of science", *Progress in Human Geography*, vol. 23, no. 1, p. 27 -47.

Descartes, René (2000) – *Discurso do Método*, Edições 70, Lisboa.

Dortier, Jean-François (1998) - *Les Sciences Humaines, panorama des Connaissances*, Sciences Humaines Éditions, Auxerre.

Ferreira de Almeida, João; Madureira Pinto, José (1995) – *A Investigação nas Ciências Sociais*, Editorial Presença, Lisboa.

Gregory, Derek; Walford, Rex (ed.) (1989) - *Horizons in Human Geography*, Macmillan, Londres.

Harré, Rom (1988) – *As Filosofias da Ciência*, Edições 70, Lisboa.

Loose, John (1998) – *Introdução Histórica à Filosofia da Ciência*, Terramar Ed., Lisboa.

Santos, Boaventura (1989) - *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*, Ed. Afrontamento, Porto.

## **Bibliografia sobre a concepção de um projecto de investigação em Geografia Humana**

- Bailly, Antoine (1997) - "Objectivité ou subjectivité en science régionale?", *L'Espace géographique* 2/97, p. 149-152.
- Bailly, Antoine; Béguin, Hubert (1982) - *Introduction à la Géographie Humaine*, Masson, Paris.
- Bailly, Antoine; Ferras, Robert (1997) – *Éléments d'Épistémologie de la Géographie*, Armand Colin, Paris.
- Bailly, Antoine; Scariati, Renato (1999) – *Voyage en Géographie*, Ed. Economica, Paris.
- Bainbridge, W. S. (2003) – "The future in the social sciences", *Futures*, Volume 35, Issue 6, p. 633-650
- Ballesteros, Aurora (coord.) (1998) – *Métodos y técnicas cualitativas en geografía social*, Ed. Oikos-tau, Barcelona.
- Barata Salgueiro, Teresa (1991) - "O mundo está cada vez mais pequeno?", *1º Congresso da Geografia Portuguesa - Portugal, uma geografia em mudança?*, APG, p. 19-32.
- Berdoulay, Vincent; Entrikin, Nicholas (1998) - "Lieu et sujet. Perspectives théoriques", *L'Espace géographique* 2/98, p. 111-121.
- Berque, Augustin (2000) – *Écoumène, introduction à l'étude des milieux humains*, Ed. Belin, Paris.
- Binnie, Jon (1997) - "Coming out of Geography: towards a queer epistemology?", *Environment and planning. D, Society & space*, vol. 15, no. 2, pp. 223-241.
- Clifford, N J ; Valentine, Gill (2003) - *Key Methods in Geography*, Sage, Londres.

- Cloke, P.; Philo, C.; Sadler, D. (1991) - *Approaching Human Geography - an Introduction to Contemporary Theoretical Debates*, Paul Chapman Publishers, Londres.
- Gregory, Derek; Walford, Rex (ed.) (1989) - *Horizons in Human Geography*, Macmillan, Londres.
- Hoggart, Keith; Lees, Loretta; Davies, Anna (2001) - *Researching Human Geography*, Hodder Arnold, Londres.
- Holloway, S.; Rice, S.; Valentine, G. (2003) - *Key Concepts in Geography*, Sage, Londres.
- Holt-Jensen, A. (1988) - *Geography: History and Concepts*, Paul Chapman, Londres.
- Mitchell, Don (2002) - "Cultural landscapes: the dialectical landscape – recent landscape research in human geography", *Progress in Human Geography*, Volume 26, Number 3, pp. 381-389.
- National Research Council (1997) - *Rediscovering Geography - New Relevance for Science and Society*, National Academy Press, Washington.
- Phillips, E. Barbara (1996) - *City Lights - Urban-Suburban Life in the Global Society*, Oxford University Press, Nova Iorque.
- Regnauld, Hervé (1998) – *L'Espace, une Vue de l'Esprit?*, Presses Universitaires de Rennes, Rennes.
- Retailé, Denis (1997) - *Le Monde du Géographe*, Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, Paris.
- Ribeiro, Orlando (1986) – *Iniciação em Geografia Humana*, Edições João Sá da Costa, Lisboa.
- Sayer, Andrew (1992) – *Method in Social Science: a Realist Approach*, Routledge, Londres.
- Sayer, Andrew (2000) – *Realism and Social Science*, Sage Publications, Londres.

Soja, Edward (1993) – *Geografias Pós-Modernas, a Reafirmação do espaço na Teoria Social Crítica*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

Unwin, Tim (1992) - *The Place of Geography*, Logman, Harlow.

### **Bibliografia sobre a operacionalização de um projecto de investigação: métodos instrumentais**

Albarello, Luc, *et al.* (1997) – *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Ed. Gradiva, Lisboa.

Arborio, Anne-Marie; Fournier, Pierre (1999) - *L'Enquête et ses Méthodes: l'Observation Directe*, Éditions Nathan, Paris.

Bas, Enric (1999) – *Prospectiva, herramientas para la gestión estratégica del cambio*, Ed Ariel, Barcelona.

Baxter J.; Eyles J. (1997) - "Evaluating qualitative research in social geography: establishing 'rigour' in interview analysis", *Transactions of the Institute of British Geographers*, vol. 22, no. 4, p. 505-525.

Blanchet, Alain; Gotman, Anne (1992) – *L'Enquête et ses Méthodes: l'Entretien*, Éditions Nathan, Paris.

Bryman, Alan; Cramer, Duncan (1993) - *Análise de Dados em Ciências Sociais, Introdução às Técnicas Utilizando o SPSS*, Celta Editora, Oeiras.

Burguess, Robert (1997) – *A Pesquisa de Terreno, uma Introdução*, Celta Editora, Oeiras.

Charre, Joël (2000) - "Quantitatif, qualitatif et informel en information géographique", *L'Espace géographique* 3/00, p. 273-278.

Cloke, Paul *et al.* (2004) - *Practising Human Geography*, Sage, Londres.

- Deshaies, Bruno (1997) – *Metodologia de Investigação em Ciências Humanas*, Instituto Piaget, Lisboa.
- Dey, Ian (1993) – *Qualitative Data Analysis – a User-Friendly Guide for Social Scientists*, Routledge, Londres.
- Flowerdew, Robin; Martin, David (1997) - *Methods in Human Geography - a Guide for Students Doing a Research Project*, Longman, Londres.
- Foody, William (1996) - *Como Perguntar - Teoria e Prática da Construção de Perguntas em Entrevistas e Questionários*, Celta Editora, Oeiras.
- Freyssinet-Dominjon, Jacqueline (1997) - *Méthodes de Recherche en Sciences Sociales*, Ed. Montchrestien, Paris.
- Gaskin, Steve; Hall, Ray (2002) – “Exploring London: a novel induction exercise for the new undergraduate”, *Journal of Geography in Higher Education* , Volume 26, Number 2, p. 197 – 208.
- Gillman, Bill (2000) – *Case Study Research Methods*, Continuum, Londres.
- Godet, Michel (1993) - *Manual de Prospectiva Estratégica*, Publicações D. Quixote, Lisboa.
- Graham E. (1999) - "Breaking Out: The Opportunities and Challenges of Multi-Method Research in Population Geography", *The Professional Geographer*, vol. 51, no. 1, p. 76-89.
- Grison, Laurent (1998) - "Le «vieillissement des lieux». Photographier, décrire-écrire", *L'Espace géographique* 3/98, p. 276-279.
- Guermond, Yves; Lajoie, Gilles (1999) - "De la mesure en géographie sociale", *L'Espace géographique* 1/99, p. 84-90.
- Hill, Manuela; Hill, Andrew (2000) – *Investigação por Questionário*, Edições Sílabo, Lisboa.
- Ketele, Jean-Marie; Roegiers, Xavier (1999) – *Metodologia da Recolha de Dados – Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos*, Instituto Piaget, Lisboa.

- Kneale, Pauline (2002) – “Developing and Embedding Reflective Portfolios in Geography”, *Journal of Geography in Higher Education*, Volume 26, Number 1, p. 81 – 94.
- Latham, Alan (2003) – “Research, performance, and doing human geography: some reflections on the diary-photograph, diary-interview method”, *Environment and Planning A*, volume 35, (11) November, p. 1993 – 2017
- Lessard-Hébert, Michelle; Goyette, Gabriel; Boutin, Gérald (1994) – *Investigação Qualitativa – Fundamentos e Práticas*, Instituto Piaget, Lisboa.
- McKendrick J.H. (1999) - "Multi-Method Research: An Introduction to Its Application in Population Geography", *The Professional Geographer*, February 1999, vol. 51, no. 1, p. 40-50.
- Mullings B. (1999) - "Insider or outsider, both or neither: some dilemmas of interviewing in a cross-cultural setting", *Geoforum*, vol. 30, no. 4, p. 337-350.
- Nirenberg, Olga; Brawerman, Josette; Ruiz, Violeta (2000) – *Evaluar para la transformación, innovaciones en la evaluación de programas y proyectos sociales*, Paidós, Buenos Aires.
- Pawson, Eric; Teather, Elizabeth K. (2002) – “Geographical Expeditions!: assessing the benefits of a student-driven fieldwork method”, *Journal of Geography in Higher Education* Volume 26, Number 3, p. 275 - 289.
- Røe, Gunnar (2000) – “Qualitative research on intra-urban travel: an alternative approach”, *Journal of Transport Geography*, Volume 8, Issue 2, p. 99-106.
- Sayer, Andrew (1992) – *Method in Social Science: a Realist Approach*, Routledge, Londres.
- Sidaway, James D. (2002) – “Photography as Geographical Fieldwork”, *Journal of Geography in Higher Education* , Volume 26, Number 1, p. 95 – 103.



Singly, François (1992) – *L'Enquête et ses Méthodes: le Questionnaire*, Éditions Nathan, Paris.

Sporton D. (1999) - "Mixing Methods in Fertility Research", *The Professional Geographer*, vol. 51, no. 1, p. 68-76.

### **Bibliografia referida no texto**

Amaral, Ilídio (1973) - *Livro Guia do Curso de Geografia*, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa.

Bachelard, Gaston (2001) – *A Epistemologia*, Edições 70, Lisboa.

Bailly, Antoine (1998) – “Los indicadores sociales: medidas objetivas de las ciencias duras en las evaluaciones subjetivas de las ciencias blandas”, em Aurora Ballesteros (Coord.) – *Métodos y técnicas cualitativas en geografía social*, Ed. Oikos-tau, Barcelona.

Berque, Augustin (2000) – *Écoumène, introduction à l'étude des milieux humains*, Ed. Belin, Paris.

Cloke, Paul; Crang, Philip; Goodwin, Mark (ed.) (1999) – *Introducing Human Geographies*, Arnold Publishers, Londres.

Descartes, René (2000) – *Discurso do Método*, Edições 70, Lisboa.

Foody, William (1996) - *Como Perguntar - Teoria e Prática da Construção de Perguntas em Entrevistas e Questionários*, Celta Editora, Oeiras.

Gaspar, Jorge; Medeiros, Carlos Alberto (1980) - "A organização do curso de Geografia na Faculdade de Letras de Lisboa depois de 25 de Abril de 1974", *II Colóquio Ibérico de Geografia*, Lisboa.

Godet, Michel (1993) - *Manual de Prospectiva Estratégica*, Publicações D. Quixote, Lisboa.

- Grawitz, Madeleine (1993) - *Méthodes des Sciences Sociales*, Ed. Dalloz, Paris.
- Gumuchian, Hervé; Marois, Claude (2000) - *Initiation à la Recherche en Géographie - Aménagement, Développement Territorial, Environnement*, Ed. Economica e Les Presses de l'Université de Montréal, Paris e Montréal.
- Hill, Manuela; Hill, Andrew (2000) – *Investigação por Questionário*, Edições Sílabo, Lisboa.
- Kitchin, Rob; Tate, Nicholas (2000) - *Conducting Research into Human Geography*, Prentice Hall, Londres.
- Malheiros, Jorge (2001) - *Arquipélagos Migratórios: Transnacionalismo e Inovação*, dissertação de Doutoramento em Geografia Humana, apresentada na Universidade de Lisboa.
- Nirenberg, Olga; Brawerman, Josette; Ruiz, Violeta (2000) – *Evaluar para la transformación, innovaciones en la evaluación de programas y proyectos sociales*, Paidós, Buenos Aires.
- Peet, Richard (1998) – *Modern Geographical Thought*, Blackwell Publishers, Oxford.
- Quivy, Raymond; Campenhoudt, Luc (1992) - *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva, Lisboa.
- Regnauld, Hervé (1998) – *L'Espace, une Vue de l'Esprit?*, Presses Universitaires de Rennes, Rennes.
- Retaillé, Denis (1997) - *Le Monde du Géographe*, Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, Paris.
- Ribeiro, Orlando (1942) – “Orientações Modernas da Geografia”, separata de *Liceus de Portugal*.
- Ribeiro, Orlando (1986) – *Iniciação em Geografia Humana*, Edições João Sá da Costa, Lisboa.
- Robinson, Guy (1998) - *Methods & Techniques in Human Geography*, John Wiley & Sons, Chichester.

Sack, Robert (1992) – *Place, Modernity, and the Consumer's World*, The Johns Hopkins University Press, Baltimore.

Sayer, Andrew (1992) – *Method in Social Science: a Realist Approach*, Routledge, Londres.

Unwin, Tim (1992) - *The Place of Geography*, Logman, Harlow.

Vale, Mário (1999) - *Geografia da Indústria Automóvel num Contexto de Globalização, Imbricação Espacial do Sistema EutoEuropa*, dissertação de Doutoramento em Geografia Humana, apresentada na Universidade de Lisboa.

---

Impressão e acabamento  
**David J.B. Barreira**  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
Alameda da Universidade  
1600-214 Lisboa  
Tel./Fax: 21 797 20 49  
E-mail: davidjbbarreira@sapo.pt